



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO
DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS**

DYELLY COSTA FILGUEIRAS

BRASÍLIA, 25 DE JULHO DE 2013

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS**

DYELLY COSTA FILGUEIRAS

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Comissão Examinadora:

Professora Dr(a) Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dr(a) Maria do Carmo Nascimento Diniz

SEE-DF

Professora Dr(a) Sônia Marise Salles Carvalho

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

BRASÍLIA, 25 DE JULHO DE 2013

Dedico este trabalho ao meu falecido irmão Dyego Costa Filgueiras, que sempre foi a minha inspiração. Ele era um menino esforçado e sempre me incentivou a nunca desistir de meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **Deus** por tudo que ele tem proporcionado à minha vida, à minha saúde e a força que ele me dá para que eu possa superar os meus obstáculos diários.

Aos meus pais, **Manuel Filgueiras** e **Rozilda da Costa**, os quais me mostraram que a educação é o melhor caminho, e que todo o meu crescimento dependerá sempre da minha força de vontade e perseverança.

Ao meu irmão mais velho **Dyego Costa** que não está mais entre nós aqui nesse mundo mas lá de cima me dá força para continuar e nunca desistir.

Aos meus irmãos mais novos **João Manuel** e **Matheus Felipe** que serviram de cobaias por diversas vezes para o planejamento de minhas regências nos períodos de estágio, que contribuíram significativamente para a realização deste trabalho.

Aos **meus avós Luiz e Ezilda, meus tios Elias e Sandra e aos meus primos Renan e Rafael**, por torcerem sempre pelo meu sucesso, me dando força e melhorando minha autoestima para que eu nunca fraquejasse.

Ao meu namorado **Dênis Junior**, que nos últimos meses de curso entendeu minha ausência, as minhas crises de stress, meus problemas de saúde, e sempre esteve me dando força, me apoiando e me ajudando em tudo.

Aos **meus colegas do curso de Pedagogia: Raquel Dias, Fernanda Sena, Lindomar Alencar, Fernando Pereira**, dentre outros, agradeço o companheirismo, amizade, momentos de estudos e pelas tantas risadas que demos juntos e por terem contribuído e dividido saberes e vivências excepcionais que fizeram rica cada experiência vivida durante esses anos.

Aos **meu chefes do trabalho Thomaz Falcão e Marcos Alberto**, pela ajuda e compreensão de sempre em relação aos meus estudos.

As **Instituições de Ensino** que abriram suas portas para que eu pudesse realizar os meus estágios e adquirir experiências excepcionais que poderei levar para o resto da vida.

À **Profª Drª Teresa Cristina Siqueira Cerqueira**, pela honra em tê-la como orientadora, pela paciência e ajuda de sempre, pela compreensão, boa vontade e pela firme orientação no desenvolvimento deste trabalho, pelo carinho que sinto por ela, pelos conhecimentos adquiridos graças aos seus saberes.

À **Profª Drª Maria do Carmo Nascimento Diniz**, pela honra em tê-la como minha orientadora, pelo prazer em ter trabalhado ao lado dela por um longo período dentro dessa Universidade como sua monitora de turma, pelos conselhos recebidos, pela ajuda mútua, pelos conhecimentos adquiridos graças aos seus saberes , e pelo carinho que sinto por ela, quase uma mãe pra mim dentro dessa Universidade.

À **Profª Drª Sonia Marise Salles Carvalho**, pela honra em tê-la como minha orientadora, pelo fato de ter sido uma professora boníssima e marcante dentro dessa Universidade para mim, com matérias indispensáveis ao nosso aprendizado, pelos conhecimentos adquiridos graças aos seus saberes .

Aos **professores da Universidade de Brasília**, pela atenção, compreensão, empenho e compromisso ao nos transmitir seus conhecimentos.

Por fim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

“Aí o coelho, que era bobinho, mas nem tanto, viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos” (Ana Maria Machado, História “Menina bonita do laço de fita”).

FILGUEIRAS, Dyelly Costa. **A contação de histórias no processo de aprendizagem das crianças.** Brasília- DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação, 2013. Monografia. (Graduação em Pedagogia)

RESUMO

Buscamos, na educação atual, uma formação de alunos que englobe sua aprendizagem cognitiva, social e emocional. Para tanto, depara-se com a importância da contação de histórias nesse processo de aprendizagem, levando em consideração que, ouvindo histórias, a criança torna-se capaz de interpretar as mais variadas formas de ver o mundo. O objetivo desse trabalho consiste em verificar qual a contribuição da contação de histórias no processo de aprendizagem das crianças e como essa atividade é vista pelos docentes no mundo moderno. Dessa forma, foram realizadas observações participantes em duas turmas diferentes com crianças entre 5 a 7 anos de idade, e entrevistas com quatro professoras que trabalham com crianças na mesma faixa etária. Os resultados obtidos afirmam a importância da contação de histórias apontando as suas contribuições, tendo em vista que trata-se de um processo facilitador e necessário para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

Palavras-chave: Contação de histórias, processo de aprendizagem, crianças.

FILGUEIRAS, Dyelly Costa. **The storytelling in the learning process of children.** Brasilia-DF, Brasilia University / Faculty of Education, 2013. Monograph. (Undergraduate Education)

ABSTRACT

We seek, in the current education, training students that encompasses their cognitive learning, social and emotional. Therefore, faced with the importance of storytelling in this learning process, taking into account that, listening to stories, the child becomes able to interpret the various ways of viewing the world. The aim of this study is to verify the contribution of storytelling in the learning process of children and how this activity is seen by teachers in the modern world. Thus, participant observations were carried out in two different classes with children aged 5-7 years, and interviews with four teachers who work with children in the same age group. The results affirm the importance of storytelling pointing their contributions, given that it is a process facilitator and necessary for learning and development of children.

keywords: Storytelling, learning process, children.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
MEMORIAL.....	12
INTRODUÇÃO.....	17
CAPITULO 1- REFERENCIAL TEORICO.....	19
1.1- A ARTE DE CONTAR HISTORIAS.....	19
1.2- CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTORIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS.....	20
1.3- APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO HUMANO.....	26
CAPITULO 2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	29
2.1- METÓDO.....	29
2.2- INSTRUMENTOS.....	31
2.3- LÓCUS DE PESQUISA.....	31
2.3.1- CARACTERIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES.....	31
2.3.2- PARTICIPANTES.....	35
2.3.3- OBSERVAÇÕES E ANÁLISES DAS ATIVIDADES PROPOSTAS.....	36
2.3.3.1- OBSERVAÇÕES REALIZADAS NO LÓCUS DE PESQUISA A.....	36
2.3.3.2- OBSERVAÇÕES REALIZADAS NO LÓCUS DE PESQUISA B.....	39
2.3.3.3- ANÁLISES.....	48
2.4- ENTREVISTAS – ANÁLISES DOS DADOS.....	53
CAPITULO 3- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67
APÊNDICES.....	70

APRESENTAÇÃO

Este trabalho está dividido em três partes. A primeira chama-se memorial, onde faço um breve relato sobre a minha trajetória educativa, que inclui desde a família até experiências acadêmicas e profissionais.

A segunda parte é constituída pela própria monografia. Nela são abordados os temas: a arte de contar histórias, onde faço um breve resumo sobre essa arte milenar; a contribuição da contação de histórias para o processo de aprendizagem das crianças e aprendizagem e o desenvolvimento humano. Para completar o trabalho e confirmar as referências teóricas, serão apresentados relatos de observações participantes para verificar a aprendizagem das crianças e o desenvolvimento com as atividades realizadas, relatando experiências e reações do grupo observado, analisando a coleta dos dados. Em seguida, será apresentado entrevistas feitas com algumas educadoras, com o objetivo de entender quais as suas percepções a cerca da contação de histórias, analisando suas respostas mais relevantes.

Concluindo esse momento, apresento a terceira parte que contempla as considerações finais a cerca do tema estudado e as minhas perspectivas profissionais, onde relato algumas pretensões referentes a futuros estudos, projetos, trabalho e vida pessoal.

PARTE 1
MEMORIAL

MEMORIAL

Meu nome é Dyelly Costa Filgueiras. Nasci no dia 13 de fevereiro de 1991 na cidade de Brazlândia- Brasília/DF. Filha de Rozilda da Costa, gerente de loja, nascida em Brasília e de Manuel Costa Filgueiras, corretor imobiliário, nascido em São Gabriel- GO.

Minha vida escolar começou no ano de 1995 no Jardim de Infância da quadra 03 de Sobradinho-DF. Na época em que eu comecei a estudar neste jardim ele havia acabado de ser reformado e até parquinho e piscina tinham. Desde pequena sempre gostei de ir a escola por considerar um ambiente agradável onde eu me sentia acolhida pelos meus colegas e pelas professoras (as). Neste jardim de infância cursei o 1º , 2º e 3º período. Tive uma professora muito boa chamada Patrícia que sempre me chamava pra ser sua ajudante dentro de sala, com ela fui alfabetizada e letrada. A mesma fez com que eu tivesse contato com a literatura, na escola e até em casa, incentivando os meus pais a contar-me histórias, me darem livros, e isso ajudou muito no meu processo de aprendizagem.

Na minha 1ª e 2ª serie do ensino fundamental estudei no Centro Educacional 03 de Sobradinho, mais conhecido como “Brejão”. Apesar de ser uma escola pública, na época em que eu iniciei os meus estudos lá, a escola também havia acabado de ser reformada e tinha quadras esportivas, mesas de ping e pong espalhadas pela escola, sala de informática, tudo novo. Lá conheci professoras maravilhosas como a Marilda, Alice e a Sebastiana. Professoras amáveis as quais eu me identificava bastante. Todas faziam contações de histórias incentivando sempre a leitura, para que pudéssemos nos tornar sujeitos ativos, críticos e reflexivos na sociedade.

Na minha 3ª serie do ensino fundamental, atualmente nominado 4º ano, o meu pai me mudou para o Centro Educacional La Salle, conhecido hoje como Colégio La Salle, umas das melhores escolas particulares de Sobradinho-DF. Lá concluí o meu ensino fundamental e Médio. Tive professores(as) boníssimos(as) como: Laercio, André, Agenor, Lauro, Anildo, César, Celestino, Manoel, Marcio Flavio, Eriko, Eduardo, Beto, Carmen, Osana, Telma, Joselita, Vera Lúcia, Claudia, Jaqueline, Cristina, Priscila, dentre outros (as). Professores estes, que me deram uma boa base educacional.

Sempre fui boa aluna e dedicada nos estudos, mas nos conselhos de Classe

apesar dos elogios pelas notas e pelo bom desempenho, levava bronca dos professores por ter segundo eles “ a boca nervosa”, ou seja, conversava demais atrapalhando algumas vezes os meus colegas em sala.

Enfim, minha trajetória escolar do Jardim de Infância ao Ensino médio foi maravilhosa, conheci pessoas incríveis, vivi momentos inesquecíveis, tive experiências excelentes, vivências boas que ajudaram a me tornar a pessoa que sou hoje.

Ao término do ensino médio no ano de 2008, fiquei confusa e não sabia que curso escolher, pois afinal eu sempre tirei nota boa em tudo por que eu estudava e não conseguia definir qual era a matéria que eu tinha mais afinidade para poder pensar em uma profissão. Prestei o PAS e o Vestibular da UnB no final do ensino médio para Engenharia Florestal, mas não consegui passar . Logo, fui cursar Comunicação Social no CEUB. Cursei 1 semestre desse curso, mas na época houve uma história da queda do Diploma, ou seja, para se exercer as profissões do curso não havia necessidade de possuir um curso superior, e logo, me desestimulei e decidi entrar para o curso de Direito, o qual fiz 2 semestres. No final do 2º semestre desse curso, eu decidi prestar o vestibular da UnB , pelo fato do curso de direito ser muito caro na faculdade onde o cursava, e como não era eu quem pagava quis tentar entrar na UnB para economizar um pouco o dinheiro do meu pai, que na época era o responsável pelo pagamento das mensalidades. Fiz a inscrição para o curso de Pedagogia com o incentivo de meus familiares e de uma amiga que estudou comigo do ensino fundamental ao médio e que já fazia o curso na própria UnB. Felizmente passei. Entrei para o curso de Pedagogia na Universidade de Brasília no 2º semestre do Ano de 2010. Até hoje não conheço muito coisa da Universidade por ser do curso noturno e trabalhar durante o dia, logo, não tenho tempo de aproveitar o que ela me oferece. Conheço apenas as FE'S.

Quando entrei na Universidade de Brasília fui bem acolhida como caloura, o pessoal da Faculdade de Educação tanto os alunos, quanto os funcionários da universidade são bem tranquilos e receptivos, o que me proporcionou mais segurança para fazer o curso no período noturno.

Devido ao fato de eu já ter feitos outros cursos, consegui aproveitar algumas matérias e obter créditos para complemento da grade horária exigida no curso para a formação, o que me ajudou bastante.

Desde que iniciei o curso de pedagogia, me comprometi com o mesmo dedicando-me ao máximo para fazê-lo com responsabilidade e poder ter um bom aproveitamento, adquirindo conhecimentos que poderei levar para toda a vida. Dediquei-me ao máximo para concluí-lo mas não o tanto que eu queria, pois não tenho o tempo necessário desejado para a dedicação total a ele, afinal trabalho de 08 a 10h diárias, logo, tenho que dividir o meu tempo de estudos com o meu trabalho, que é o que me dá atualmente condições financeiras para que eu possa realizar e alcançar o que desejo.

Dentro da Universidade de Brasília, conheci pessoas maravilhosas, professores(as) grandiosos(as) e pude vivenciar momentos inesquecíveis, com projetos, oficinas, grupos de amigos. Mas como nem tudo são flores, também conheci pessoas maldosas, professores terríveis que por muitas vezes fizeram eu pensar em desistir do curso e tive problemas assim como todos, mas enfim, barreiras são necessárias para que possamos quebra-las e nos tornarmos fortes para sobrevivermos amanhã.

Com o término do curso se aproximando, tive que fazer os estágios obrigatórios que seriam base para a minha Monografia, afinal os mesmos são relatos de nossas experiências, do concreto, do vivido.

Quando me matriculei na primeira fase do estágio obrigatório eu não havia nem pensando sobre o que eu poderia analisar dentro de uma escola, que tema eu poderia escolher para começar a pesquisar e me aprofundar. Até que na mesma semana em que o estágio se iniciou, eu participei de uma feira de ciências e Tecnologia promovida pela UnB, e lá conheci uma mulher educadíssima chamada Giselle, que havia vindo da Bahia para expor seus projetos científicos. Conversa vai, conversa vem, eu perguntei a ela se ela já era formada e em qual curso, logo, a mesma me informou que era formada em pedagogia, então, senti-me familiarizada e começamos a trocar conhecimentos, informações, curiosidades. Giselle disse-me que sua monografia falava sobre “ Contos de fadas”, e começou a contar sobre suas experiências na faculdade, e etc. Foi aí que me lembrei sobre um projeto de contação de histórias que eu havia participado no início de minha graduação e tive a inspiração para o tema de análise dos meus estágios e continuando, para a monografia. Com o relato de Giselle, pude perceber que a escolha de um tema para eu analisar não era um bicho de sete cabeças como eu imaginava, e que eu poderia

analisar uma coisa que eu gostasse. Foi aí que decidi falar sobre um tema que eu já havia vivido anteriormente “ A contação de histórias no processo de aprendizagem das Crianças”, pelo gosto de contar e escutar histórias que tenho desde a infância.

Como relatei no início, desde muito pequena sempre tive contato com a literatura, na escola e em casa, e acredito que isso ajudou muito no meu processo de aprendizagem. Tenho dois irmãos pequenos em casa, o João Manuel de 6 anos e o Matheus Felipe de 3 anos, e faço muita contação de histórias para os dois, e quando eu defini o meu tema aí que continuei a fazer mais e mais. Meus dois anjinhos serviram de cobaias por diversas vezes para o planejamento de minhas regências nos períodos de estágio.

Acredito que a contação de história apresente-se como um rico meio para o desenvolvimento das habilidades da criança, mas acho que a maioria dos professores, geralmente, não tem consciência do seu valor como suporte no processo de ensino aprendizagem, e isso me instigou a fazer observações nesse sentido também durante os períodos dos estágios.

Com a graduação do curso de pedagogia, poderei realizar concursos para o nível superior, o que no momento é a minha primeira meta, e posteriormente dar continuidade em minha formação. O curso de pedagogia é maravilhoso, me proporcionou experiências excelentes com os estágios realizados, conheci pessoas ótimas, professores maravilhosos, o que levarei comigo para sempre e poderei utilizá-lo posteriormente pois ainda penso em fazer uma pós graduação na área de Psicopedagogia.

PARTE 2

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

INTRODUÇÃO

Devido às constantes mudanças que vêm ocorrendo na educação e a grande preocupação que se acentua cada vez mais em formar o aluno integralmente, ou seja, um indivíduo preparado para a vida, autônomo, crítico e consciente do seu papel enquanto cidadão, surgiu a necessidade de conhecer como a contação de histórias pode contribuir para o processo de aprendizagem das crianças, ou seja, para o processo de construção de seus conhecimentos.

Durante muito tempo o ato de contar histórias nas escolas era tido como uma forma de entreter, distrair e relaxar as crianças, e ainda em algumas instituições continua a ser assim. Mas neste século XXI tem ressurgido a figura do Contador de Histórias, ou Professor/Contador de histórias, e a sua importância no âmbito educacional e emocional das crianças, com presença em certas bibliotecas, feiras de livros, livrarias e escolas.

A contação de história na Educação Infantil estimula a curiosidade na criança, desperta o imaginário, a construção de idéias, expande seus conhecimentos e faz com que ela vivencie situações de alegria, tristeza, medo, entre outros, ajudando à resolver esses conflitos e criando novas expectativas.

Para Bettelheim (2009), as histórias representam, de forma imaginativa, aquilo em que consiste o processo sadio de desenvolvimento humano. O conto não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte. O ato de narrar histórias além de trabalhar a emoção é também uma atividade lúdica que socializa, educa e informa.

A contação de histórias desenvolve a capacidade cognitiva nas estruturas mentais das crianças, fornece elementos para a imaginação, estimula a observação e facilita a expressão de ideias.

No cotidiano das crianças a narração de histórias pode ser um excelente instrumento de trabalho para o professor, um novo caminho para a aprendizagem da criança e, conseqüentemente, para a formação de um aluno leitor, mas embora a contação de história apresente-se como um rico meio para o desenvolvimento das habilidades da criança, os professores, geralmente, não tem consciência do seu valor como suporte no processo de ensino aprendizagem.

Diante disso, um outro problema que se investiga neste trabalho também é: como a contação de histórias é vista pelos docentes?

O objetivo geral deste estudo é verificar a contribuição da contação de histórias no processo de aprendizagem das crianças, ou seja, no seu processo de construção do conhecimento.

Dessa forma, pretende-se confirmar a importância que a contação de histórias tem para o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil, permitindo que a criança entre no mundo da imaginação e aprenda a construir seus conhecimentos e suas referências para a vida.

CAPITULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo está dividido em três partes: a primeira trata-se da arte de contar histórias, como este ato surgiu; a segunda trata-se da contribuição da contação de histórias no processo de aprendizagem das crianças; e a terceira parte trata-se da aprendizagem e o desenvolvimento humano, com enfoque na aprendizagem, tendo em vista que ela antecipa o desenvolvimento.

1.1- A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

A arte de contar histórias é uma prática milenar que teve seu início desde os primórdios da humanidade por meio da tradição oral, sendo assim a mais remota figura de comunicação entre as pessoas.

Na antiguidade a contação oral de histórias era vista sob um olhar inferior à escrita, apesar disso os povos se reuniam ao redor de fogueiras e contavam suas lendas e contos, disseminando a sua cultura e os seus costumes.

Reunir-se para ouvir histórias era uma atividade dos simplórios, isto explica por que durante tanto tempo esta prática foi rejeitada pela sociedade. Essas lendas e contos eram histórias do imaginário popular pertencentes à memória coletiva, destinadas, a ouvintes, adultos e crianças, que não sabiam ler.

Segundo Malba Tahan (1961, p.24) “até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de idéias novas”.

O homem descobriu que a história além de entreter, causava a admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contador de histórias tornou-se então o centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam. Sendo assim, por muito tempo o contar histórias foi uma atividade oral: as histórias, reais ou inventadas, eram contadas de viva voz.

Na idade média o contador era respeitado em todos os lugares por aonde ia. Os trovadores obtinham entrada em palácios e aldeias contando historias do gosto popular. Com o aparecimento da escrita, surgem, ao lado das histórias orais, as histórias escritas – e, com essa, surgiram tanto a história, propriamente dita, como relatos de eventos que se acredita terem de fato acontecidos, como a literatura, ou

seja, relatos de eventos imaginados (ficção). A literatura infantil nasce dos contos populares por isso a contação de histórias é a origem da literatura.

Através da arte de contar histórias, podemos tornar possível a construção da aprendizagem relacionada à competência cognitiva da criança, propiciando elaboração de conceitos, compreendendo sua atitude no mundo, e se identificando com papéis sociais que exercerá ao longo de sua existência. Mais que uma linguagem prazerosa e educativa, a ação de contar e ouvir histórias possibilita o resgate da memória cultural e afetiva.

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos (TAHAN, 1961, p.16).

Com a aparição do audiovisual, cinema, televisão, computador e da multimídia no geral, o contar histórias, passou a ser não mais baseado exclusivamente na palavra, oral ou escrita (embora esta continue extremamente importante em nossa contemporaneidade, o ato de contar é o ato de criar através das palavras), as imagens passaram a ser ingredientes indispensáveis das histórias. Agora nós não somente ouvimos e lemos histórias, mas assistimos à sua representação audiovisual.

A representação gráfica possibilita a apreensão e o interesse do educando no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Coelho:

“...as gravuras favorecem, sobretudo, as crianças pequenas, permitem que elas observem detalhes e contribuem para a organização de seu pensamento. Isso lhes facilitará mais tarde a identificação da ideia central, fatos principais, fatos secundários, etc.”
(COELHO, 1986, pág. 39).

1.2- CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS

Qualquer pessoa em algum momento da vida já ouviu ou contou uma história, pois as histórias e os contos populares sempre existiram, ou seja, desde que o ser humano adquiriu fala.

Não há nesse mundo um só povo que não tenha suas histórias, elas são uma necessidade do ser humano por serem um elo que une as pessoas.

As histórias nasceram com o homem, no momento em que ele sentiu necessidade de contar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significado para todos.

Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem - se ficarem quietos, conto uma história, se isso", "se aquilo..."- quando o inverso que funciona. A história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa (COELHO, 1999, p.12).

Acredito que a "Contação de História" é uma atividade necessária e imprescindível no processo de desenvolvimento da criança, pois a contação de histórias auxilia na formação humana e, por isso, deve ser valorizada e desenvolvida no meio escolar a fim de potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura e outras habilidades humanas, além de contribuir no processo de aprendizagem e socialização da criança.

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura (RCNEI, VOL. 3., p.141).

A contação de história é um dos meios mais antigos de interação humana usada por meio da linguagem para transmitir conhecimentos, estimular a imaginação, a fantasia, empregada também para trazer valores morais, disciplinar e desenvolver o interesse pela leitura. Para Coelho (1999), a história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa.

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto- identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade,

de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida [...] (COELHO, 1999, p. 12).

Abramovich (2003) destaca a importância de a criança ouvir muitas histórias e comenta que esta ação é que formará o bom leitor, propiciando um caminho absolutamente infinito de descobrimento e compreensão do mundo. Segundo a referida autora a contação de histórias tem papel fundamental no desenvolvimento intelectual. Quando a criança se interessa pela leitura, sua imaginação é estimulada, bem como o desenvolvimento comunicativo, na interação com o narrador, com os colegas e na interação sociocultural; ajuda, ainda, no seu desenvolvimento físico-motor, no seu esforço de ouvir e recontar as histórias para outras crianças.

O ato de contar histórias é importante para o desenvolvimento físico, afetivo, cognitivo e social da criança, e como uma forma de entretenimento que atrai todas as idades, indispensável no contexto escolar.

O uso da narração de histórias no espaço da Educação Infantil é importantíssimo, por isso deve-se fazer um planejamento e execução dessa prática na rotina escolar para o desenvolvimento do indivíduo em formação.

Atualmente a palavra narrada tem perdido seu espaço e os diversos meios de comunicação têm nos levado a nos distanciar dos livros. Segundo Jorge (2003), as novas tecnologias presentes em nossas vidas cotidianas e a pressa do dia a dia têm feito com que, infelizmente, a comunicação interpessoal fique cada vez mais superficial e ineficiente, deixando de ouvir o outro e os mais velhos; “Deixamos de nos emocionar com suas histórias, de compartilhar experiências e ideias” JORGE (2003, p. 96). Desta forma, torna-se difícil compartilhar, ouvir e trocar experiências, ou até mesmo contar um “causo”, pois se está sempre submetido ao mundo capitalista em que se deve a todo instante cumprir tarefas.

Segundo essa autora, com a criança não é diferente, pois ela recebe várias informações através de meios de comunicação, por estar inserida neste contexto, ficando impossibilitada de ouvir, expressar-se, contar suas experiências e viver suas histórias.

Segundo Cunha (2006), quando se leva o livro à infância, pretende-se criar hábitos de leitura, empregando a literatura como forma de enriquecimento, pois, a leitura é uma forma ativa de lazer e exige um grau de consciência e atenção com a participação do leitor, diferente de outras formas de lazer que propiciam repouso e

alienação. A referida autora afirma que é imprescindível que a escola procure desenvolver no aluno formas ativas de lazer, incentivando-o a tornar-se crítico, criativo, mais consciente e produtivo. Neste sentido, acredita-se que a literatura tem papel relevante neste aspecto, pois além de ser forma de lazer, auxilia no desenvolvimento do sujeito.

Entende-se que a palavra oral é essencial para o desenvolvimento da criança. De acordo com Jorge (2003), a palavra oral é fundamental para o desenvolvimento e construção do ser psicológico, social e cultural; porém, é pouco empregada e explorada nas famílias, escolas e em lugares por ela frequentados.

Conforme Jorge (2003), percebe-se nas escolas a dificuldade do uso da palavra narrada, por conta do ritmo acelerado e exigência das instituições escolares não permitirem um tempo diferenciado para que alunos e professores desfrutem dessa experiência. O autor acrescenta que o uso inadequado das bibliotecas e salas de leitura com muitas regras e formalidades gera condições desfavoráveis à narrativa. Não é diferente a situação dos professores de educação infantil, os quais estão sobrecarregados com as atividades cotidianas, têm o compromisso de cumprir o currículo, somado com a responsabilidade de formar e educar crianças, devem realizar obrigações como atividades lúdicas, recreios, e tantos outros cuidados que o levam a deixar a prática da narrativa em segundo plano.

Neste sentido, concorda-se com o posicionamento que afirma que se deve refletir sobre a crise da narrativa no mundo contemporâneo e sobre o significado do ato de contar histórias. Diante destas afirmações, torna-se indispensável rever a importância da literatura infantil para reintegrá-la de forma dinâmica e criativa no cotidiano escolar. Assim, acredita-se que o professor deva reconstruir e organizar suas práticas, para possibilitar aos seus alunos essa experiência maravilhosa, ajustada às condições do mundo contemporâneo.

“É fundamental que a criança possa vivenciar a palavra e a escuta em todas as suas possibilidades, explorando diferentes linguagens, capturando-as e apropriando-se do mundo que a cerca, para que este se desvele diante dela e se torne fonte de interesse vivo e permanente, fonte de curiosidade, de espantos de desejos e descobertas, numa dinâmica em que ela se socialize e se manifeste de forma ativa, cri(ativa), (particip)ativa em qualquer situação, não apenas “recebendo” passivamente, mas produzindo e (re)produzindo cultura “ (JORGE, 2003, p.97).

Desta forma, segundo Jorge (2003), a narrativa compartilhada entre crianças e professor estimulará o prazer de contar, ouvir, ler e criar novas histórias de forma lúdica e interativa, renovando o conhecimento, no âmbito subjetivo, em aspectos objetivos e de socialização. Neste sentido, o educador deve criar formas significativas e expressivas de comunicação com a criança através do ato de contar, ler e de ouvir histórias, possibilitando que a criança encontre significados para sua própria existência.

De acordo com Oliveira (2009), a literatura infantil é um dos suportes básicos para o desenvolvimento do processo criativo da criança, pois ela oferece ao leitor uma bagagem de conhecimentos e informações capazes de provocar uma ação criadora, proporcionando também novas experiências e o desenvolvimento de suas fantasias e criatividade.

“ O melhor instrumento e a técnica mais eficiente são o amor e a criatividade, unidos à preocupação com os objetivos do trabalho, com o nosso público e com a mensagem a ser transmitida. É preciso que o professor goste de Literatura infantil, que ele se encante com o que lê, pois somente assim poderá transmitir a história com entusiasmo e vibração. Se o professor for um apaixonado pela Literatura Infantil, provavelmente, os alunos se apaixonarão também. Para ler um texto de Literatura Infantil é preciso ter o coração de criança. Muitas vezes lemos uma história e não gostamos, uma criança lê a mesma história e fica encantada. Isso pode acontecer porque lemos com a cabeça de adulto” (OLIVEIRA, 2009, p.15).

Logo, contar histórias é uma experiência significativa tanto para quem conta quanto quem ouve, mas, infelizmente, empregado por poucos professores.

Acredita-se que o professor ao contar histórias, além de planejar, ler, gostar da história e fazer opção pela melhor história para a faixa etária de seus ouvintes, possa usar diferentes recursos para contar com mais entusiasmo e despertar em seus alunos o gosto pela leitura. De acordo com Bettelheim:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções: estar harmonizadas com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez

relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade-e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro (BETTELHEIM, 1980, p, 20).

A fantasia e a imaginação são elementos fundamentais para que a criança aprenda mais sobre o modo de relacionar-se com as pessoas, consigo mesma e com o outro. Quando é convidada a participar de situações em que pode criar, representar papéis e interagir consigo mesma e com os outros, a criança impressiona os adultos pela forma como se torna absorvida por essa atividade.

Nas diversas atividades de faz de conta que podem ser criadas no ambiente escolar, é possível proporcionar prazer e divertimento, construindo-se um espaço fundamental para o desenvolvimento de diferentes condutas.

A criança sai mais feliz das experiências, aumenta seu repertório de conhecimentos sobre o mundo e transfere para os personagens seus principais dramas. De acordo com Abramovich:

“...é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica” (ABRAMOVICH, 1991, pág. 17).

Nesse mesmo sentido, Dohme coloca que:

Por meio das histórias, os meninos defrontam-se com situações fictícias e percebem as várias alternativas que elas oferecem, podendo antever as consequências que a decisão por cada uma delas trará. Com isso adquirem vivência e referências para montar seus próprios valores (DOHME,2000, pág.19).

Ainda de acordo com Torres e Tettamanzy:

[...] quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto-identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos (TORRES & TETTAMANZY, 2008, p.3).

1.3- APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Desde os primórdios, o ser humano se interessava e buscava entender o que acontecia consigo e com isso se relacionava com o seu ambiente. Assim, sempre procurou investigar o que acontece com a sua espécie e explicar o porquê dessas mudanças. Afinal, na medida em que desenvolve, como consigo aprender?

De acordo com Becker(2001), a concepção do homem e de sua relação com seu ambiente estruturam a nossa forma de pensar os processos ensino-aprendizagem.

A ciência do desenvolvimento humano investiga as transformações sistemáticas e constantes da pessoa em sua trajetória de vida, caracterizando os aspectos normativos, isto é, aqueles esperados pela cultura e que caracterizam todos ou grande parte da pessoa de uma espécie, pertinentes aos aspectos biopsicossociais, por exemplo, a puberdade ou mesmo o envelhecimento.

Assim a psicologia do desenvolvimento tem como objeto de estudo as transformações que ocorrem desde a concepção, a geração do feto, até a morte (SHAFFER,2005). Nesse sentido, visa descrever, analisar e compreender as etapas evolutivas da vida do sujeito para possibilitar a construção de uma teoria geral do desenvolvimento humano (DORON;PARON,1998).

Para Bronfenbrenner (1979/1996) o desenvolvimento é:

[...] é o processo por meio do qual a pessoa se desenvolve (sic) adquire uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, e se torna mais motivada e mais capaz de se envolver em atividades que revelam suas prioridades, sustentam e reestruturam aquele ambiente em níveis de complexidade semelhante ou maior de forma ou conteúdo (p.23).

Em síntese, o desenvolvimento engloba os fatores de regularidade e organização que se estabelecem por meio dos processos interativos e também busca analisar as rupturas que geram as discontinuidades na vida das pessoas.

É nesse processo de interação que comportamentos, emoções, interesses e significados dos envolvidos na relação promovem as crises, os conflitos e as rupturas presentes na constituição das pessoas e que, por consequência, interfere no seu processo evolutivo (Wallon apud Galvão, 1995).

Por isso , os sistemas de ensino empregam os conhecimentos oriundos da

psicologia do desenvolvimento para ampliar as reflexões sobre a aprendizagem e sobre o próprio desenvolvimento em contextos educativos formais ou não formais, incluindo-se os métodos de ensino, teorias de aprendizagem, os modelos pedagógicos e epistemológicos.

O processo de aprendizagem é foco constante das pesquisas em psicologia e educação, a preocupação não envolve apenas como se aprende, mas como se ensina também.

Sabe-se que os fatores afetivos, interativos e os de comunicação interferem no processo de ensino-aprendizagem. Por essas condições, percebe-se que o conceito de aprendizagem é multifacetado, pois ela se inicia pela inserção da pessoa no mundo de relações, em que o aprendiz é o produto e produtor de conhecimento e de transformações em nível cognitivo, afetivo, social e histórico.

Habermas (apud Marques, 2000) diz que toda aprendizagem tem sentido quando se repercute nas práticas cotidianas dos indivíduos e grupos, reconstruindo os seus significados e possibilitando novas experiências.

Fonseca (1995) destaca que a aprendizagem resulta em uma mudança de comportamento oriunda da experiência que paralelamente é consolidada no próprio cérebro do indivíduo. Envolve uma dupla condição: a de assimilação e a de conservação do conhecimento que se conecta com o controle e mudança no ambiente, retratando a experiência humana e sua história.

Vygotsky (apud Mello, 2004) afirma que o ser humano nasceu com potencialidades de aprender, sendo, então, a condição básica do psiquismo humano, afinal a consciência pressupõe uma condição intencional, organizada, sistematizada, ilustrando o dinamismo das funções mentais superiores. A aprendizagem então deve se antecipar ao desenvolvimento, e para isso a mediação de indivíduos mais capazes se faz essencial.

Em síntese, a aprendizagem promove o desenvolvimento de acordo com Vigotski (1998) que afirma que “ a aprendizagem promove o desenvolvimento, o aprendizado orientado para níveis de desenvolvimento que já foram atingidos é ineficaz do ponto de vista do desenvolvimento global da criança[...]”; ‘bom aprendizado’ é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento” (Vigotski, 1998, p. 116-117). Ressalta ainda que o aprendizado cria a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), e que, quando:

[...] adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas (VIGOTSKI, 1998, p. 118)

A aprendizagem se incrementa por meio da interação do aprendiz com o seu mundo físico e social, pela mediação dos procedimentos de ensino, pelas formas de intervenção no mundo, por meio das diversas linguagens e dos conhecimentos elaborados culturalmente, considerando a sua função coletiva, a sua organização dentro das peculiaridades e especificidades em cada momento histórico.

Por fim acredito que a aprendizagem implica em mudança de comportamento, o organismo aprende, em relação a sua história e sua experiência de vida, frente aos reforços que recebe do ambiente, podendo inibir a sua manifestação ou aumentá-la.

CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo trata-se da metodologia, ou seja, explica detalhadamente e exatamente toda ação desenvolvida no caminho do trabalho de pesquisa. É a explicação do método, tipo de pesquisa, dos instrumentos utilizados, do tempo previsto, do lócus da pesquisa, dos participantes, da divisão do trabalho, das formas de tabulação e tratamento dos dados, enfim, de tudo aquilo que se utilizou no trabalho de pesquisa.

2.1- MÉTODO

O método utilizado para a realização desse trabalho foi o exploratório que, de acordo com Gil (1996) será assim denominado quando envolver levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que tiveram (ou tem) experiências práticas com o problema pesquisado, visando proporcionar uma maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

Os instrumentos utilizados na presente pesquisa foram, inicialmente, relatórios de observações participantes e, posteriormente, um roteiro de entrevista estruturado.

Devido ao fato de ter sido estagiária nas escolas (estágio obrigatório supervisionado do curso de pedagogia), ao mesmo tempo que eu observava/analiseava, eu participava das atividades, ministrava as mesmas. Gil define a prática como observação participante ou observação ativa.

(...) consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Nesse caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Dai por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento de vida de um grupo a partir do interior dele mesmo (GIL, 1996, P.113).

Além disso, Gil divide a observação participante em duas formas distintas, a primeira ele chama de Natural, que é quando o observador é parte do grupo que investiga; a segunda ele chama de Artificial, que é quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação.

Como eu me inseri no grupo justamente com o objetivo de realizar a

investigação a cerca do tema tratado neste trabalho, faço parte da segunda forma definida por Gil, observação participante artificial.

As vantagens para esse tipo de observação são:

- a) Facilita o rápido acesso a dados sobre situações habituais em que os membros das comunidades se encontram envolvidos;
- b) Possibilita o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado;
- c) Possibilita captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados.

Também pode-se levantar desvantagens nesse processo de observação, tais como:

- a) Restrições. Pode significar uma visão parcial do objeto estudado;
- b) Desconfiança do grupo investigado em relação ao pesquisador.

Parra Filho e Santos (1998) dizem que as observações podem acontecer também de forma inconsciente (externa), porém, foi uma observação consciente.

É importante distinguir dois tipos de observação: a externa, quando através dos sentidos se capta os acontecimentos do mundo exterior, e a observação interna ou psicológica, que se faz pela consciência e chama-se, propriamente, reflexão(Parra Filho e Santos, 1998, p.66).

Poder comparar ideias entre as informações recebidas de tantos teóricos e da realidade em si é uma vantagem deste tipo de observação. Por outro lado, acredita-se que não podemos ter total confiança em nossas impressões, pois várias conclusões podem ser errôneas, por isso, inicialmente, foi muito importante que eu observasse os fatos em si e anotasse-os para depois relembra-los e compara-los com os teóricos escolhidos.

O observador nunca deve confiar na memória, porque os resultados poderão ser totalmente distorcidos devido sua subjetividade ao relatar o fato. Daí a necessidade de o observador encontrar formas ou maneiras de fazer as anotações aproveitando o desenrolar dos acontecimentos. O observador pode utilizar um pedaço de papel, no qual as anotações mais importantes serão efetuadas, mas sem despertar suspeitas no entrevistado, porque nesse caso as informações poderiam ser distorcidas(Parra Filho e Santos, 1998, p.105).

A entrevista realizada foi o que Gil chama de entrevista estruturada, que de acordo com o mesmo é aquela que: “ desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para os entrevistados”. (Gil,1996,p.121)

2.2- INSTRUMENTOS

As observações participantes que serão a seguir relatadas, foram realizadas nos meus estágios obrigatórios e supervisionados do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, nas disciplinas Projeto 4 Fase 1 e Projeto 4 Fase 2. Cada estágio foi composto por um período de 120 hrs de observação, regência, e preparação de atividades que foram realizadas processualmente. A fase 1 foi do período de 08 de Novembro de 2012 a 21 de Dezembro de 2012 em um Jardim de Infância da Asa Norte, com os alunos do 2º período B da Educação Infantil; e a fase 2 do período de 28 de Maio de 2013 a 05 de Julho de 2013 em um colégio particular de Sobradinho-DF, com os alunos do 1º ano A do Ensino Fundamental.

Neste capítulo serão apresentados os relatos das observações participantes das mais relevantes atividades propostas, estando estes, resumidos. Ainda será apresentada, a entrevista estruturada.

2.3- LÓCUS DE PESQUISA

2.3.1- CARACTERIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES

Nesse subtítulo caracterizarei as instituições que foram investigadas no decorrer do trabalho de campo. A escola **A** foi o lócus do Estágio Supervisionado da Fase 1 da disciplina projeto 4, no qual foram realizadas investigações no período de 08/11/2012 a 21/12/2012; a escola **B** foi o lócus do Estágio Supervisionado da Fase 2 da mesma disciplina citada anteriormente, nela as atividades ocorreram do período de 28/05/2013 a 05/07/2013.

A Escola **A** é localizada na SQS 404 da Asa Norte- DF. Trata-se de um Jardim de Infância público, fundado em 13 de março de 1964. É uma escola pequena, mas muito acolhedora.

O Jardim ministra a Educação Infantil para crianças de 3, 4 e 5 anos. As atividades desenvolvidas são elaboradas a partir da realidade do aluno, de forma interdisciplinar, trabalhando como valores, ética e cidadania. A Educação Infantil é organizada de acordo com a faixa etária, assim dividida:

- Maternal II – para crianças de 3 (três) anos de idade;
- 1º Período – para crianças de 4 (quatro) anos de idade;
- 2º Período – para crianças de 5 (cinco) anos de idade.

Os turnos de funcionamento são:

- Matutino: 7h30 às 12h30;
- Vespertino: 13h30 às 18h30.

O Jardim de Infância atende, além de crianças da comunidade da UVIRT, moradores de várias cidades satélites, pois seus pais são trabalhadores da região.

Dentro de perspectiva sócio-construtivista, esse Jardim de Infância visa proporcionar ao aluno a oportunidade de aprendizagem e construção do seu próprio conhecimento, respeitando sua realidade, complementando a ação da família e da comunidade.

De acordo com a proposta pedagógica da instituição o Jardim quer proporcionar à criança um desenvolvimento global, contribuindo para a formação de um ser humano ético, participativo, autônomo e antes de tudo, consciente da realidade à qual está inserido.

Em seu trabalho diário, esse Jardim de Infância, soma e acrescenta valores e métodos de ensino que propiciam uma interação consistente entre professor e aluno, já que ambos são agentes do conhecimento. Essa interação exige qualidade no processo de ensino e aprendizagem, pois permite outras formas de colaboração entre educador e educando, bem como uma maior socialização do aluno – “caminho para a construção da cidadania”.

O projeto principal da escola era o respeito à literatura, “No Mundo da Literatura Infantil”. Tendo como objetivo despertar o interesse pela leitura, estimulando a linguagem oral e escrita, trabalhando a expressão e suas manifestações. A escola também participou do Projeto "Alimentação Saudável na

Educação Infantil”, da Universidade de Brasília, dando continuidade aos trabalhos que a escola já desenvolve. Que durante quatro meses, a equipe do Projeto apoiou os professores no uso e realização de atividades educativas sobre alimentação. Trazendo como benefícios, um maior conhecimento sobre conteúdos de nutrição, que poderão influenciar os hábitos alimentares e a saúde de nossas crianças.

Dimensões físicas da escola: 01 sala de Direção ; 01 sala de professores; 01 sala de secretaria; 05 salas de aula – sendo cada uma com banheiro; 01 sala de leitura; 01 Laboratório de Informática; 01 sala para auxiliares; 01 cozinha; 01 dispensa para gêneros alimentícios; 01 depósito para materiais diversos; 01 banheiro para professoras; 01 banheiro masculino; 01 banheiro feminino; 01 área externa contendo parquinho de areia, uma casinha de boneca e uma vasta área cimentada e 01 área interna coberta contendo um grande pátio para atividade com as crianças.

A Escola **B** está localizada na Quadra 14 – Área Especial Lotes 24 a 27 em Sobradinho-DF. Trata-se de uma escola de natureza confessional, constituída por Religiosos do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (Irmãos Lassalistas), orientada sob o carisma de São João Batista de La Salle. Fundado em 1981, o mesmo é mantido pela Sociedade Porvir Científico, com sede na Rua Honório Silveira Dias, Porto Alegre-Rio Grande do Sul. É um colégio particular bem sucedido, com boas estruturas, considerado um dos mais caros da região.

O Colégio integra a Rede La Salle, presente em mais de 80 países, e tem como missão a construção do conhecimento e a educação para a vida, promovendo o desenvolvimento integral da pessoa e a transformação da sociedade através da educação humana e cristã, solidária e participativa. Para isto, conta com o trabalho de professores e colaboradores, cuja atuação torna a escola um referencial para a continuidade dos estudos.

Nessa escola, o estudante é protagonista na construção do seu conhecimento. Sua proposta pedagógica está baseada em uma educação de qualidade e no desenvolvimento integral do sujeito que compreende o conhecimento como um processo de construção por meio da interação.

Em seu PPP, a instituição educacional define-se como um lugar privilegiado para desenvolver as potencialidades de todos os envolvidos no processo de organização da aprendizagem, respeitando a individualidade, formando sujeitos

empreendedores, capazes de gerenciar com êxito sua vida e seus conhecimentos para o bem da coletividade.

A organização pedagógica da educação e do ensino oferecidos pela instituição educacional, compreende a oferta da educação básica em regime anual, considerando as idades próprias, os dias e horas letivas de referência previstas nas normas educacionais em vigor, nas seguintes etapas:

- Educação infantil: pré-escola, para crianças de 4 e 5 anos de idade.
- Ensino fundamental de oito anos, em extinção progressiva, concomitante ao ensino fundamental de nove anos, 1º ao 9º ano, em implantação gradual, desde 2007, com matrícula inicial aos 6 anos de idade.
- Ensino médio.

A instituição educacional destaca que organiza seu currículo considerando a relação dialética entre o educador e o educando, coerentemente com a sua realidade. Portanto, o currículo é dinâmico, constantemente reconstruído, retratando, o compromisso com a qualidade educativa, tendo como pressupostos a formação humana e cristã, e o incentivo ao uso de diferentes recursos e atividades que permitam tratar os conteúdos de forma interdisciplinar e contextualizada.

No ensino fundamental, observa-se que a escola articula a transição entre os regimes de oito e de nove anos de duração, de forma que contempla a concomitância entre eles, garantindo a continuidade dos estudos do educando no regime de ensino que ele iniciou.

A instituição educacional evidencia que a metodologia adotada visa às pessoas, respeitando suas necessidades e peculiaridades, e a produção e apropriação do conhecimento organizam-se baseadas no protagonismo do educando que o assume de forma livre e responsável.

Em síntese, o processo de construção e reconstrução do conhecimento é participativo e interativo, por isso flexível, sendo operacionalizado mediante diferentes estratégias adequadas e atuais que envolvem o aluno e o professor, tais como: programas, projetos, formação continuada do professor, investimento em pesquisa educacional, atualização curricular, investimento em novas tecnologias de informação e comunicação e em material didático e na reorganização dos espaços e

tempos da escola.

Verifica-se que a instituição educacional estabelece critérios, procedimentos e instrumentos de avaliação que possibilitam levar em conta as diferenças individuais, suas formas de expressão, as especificidades das etapas ofertadas e dos conteúdos previstos no currículo, sendo o rendimento escolar apurado trimestralmente.

Destaca-se que, no ensino fundamental de nove anos de duração, a instituição educacional considera o princípio da continuidade na passagem do 1º para o 2º e do 2º para o 3º ano do ensino fundamental, portanto, a partir do 3º ano o aluno poderá ser retido, conforme os critérios adotados para a promoção. Considerado, dessa forma, como Ciclo Sequencial de Alfabetização - CSA .

Principais projetos do Colégio: Animação Pastoral; Projeto de Contação de Histórias; Aulas de reforço; Feira do Livro e Júri Simulado; Feira Multicultural e Recital de Poesias; Grupo de Jovens; Jogos Internos (JOINCEL – Futsal Masculino, Feminino e Pais) e Gincanas; Jornadas e Manhãs de Formação; Oficina de Profissões; Orientação Vocacional; Simulados (Preparatório para o PAS).

Atividades Extraclasse: Ballet, Futsal e Judô.

Dimensões físicas da escola: 24 Salas de Aula; 10 Banheiros grandes; 02 Auditórios; 01 Cantina; 01 Biblioteca Informatizada e Videoteca; 02 Elevadores; 01 Ginásio de Esportes coberto; 04 Quadras Poliesportivas; 02 Laboratórios de Informática; 01 Laboratório de Física; 01 Laboratório de Química; 01 Laboratório de Biologia; 20 Lousas Interativas; 02 Oratórios; 01 Playground Infantil; 02 Salas de Multimídias; 03 Salas especiais para Educação Infantil; 01 Papelaria; 01 Tesouraria; 01 Reprografia; Secretaria; Salas para a Diretoria; Sala de Professores e Setor de RH.

2.3.2- PARTICIPANTES

Desenvolvi o trabalho de contação de histórias com duas turmas de alunos diferentes e de escolas diferentes, afim de investigar a contribuição que essa atividade trás para a aprendizagem das crianças.

A turma da escola **A** trata-se de uma turma do 2º Período da Educação Infantil formada por 22 alunos, sendo 12 meninas e 10 meninos, com idade entre 5 e 6 anos. Os alunos são da comunidade da UVIRT e moradores de várias cidades

satélites, pois seus pais são trabalhadores da região. Os alunos eram bastante carentes de carinho e de situação financeira, digo. Eram bem esforçados também, e muitos já escreviam e liam perfeitamente. A professora dessa turma fez um trabalho anual maravilhoso.

A turma da escola **B**, trata-se de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental formada por 17 alunos, sendo 5 meninas e 12 meninos, com idade entre 6 e 7 anos. A maioria dos alunos são de classe média alta. Há também alunos bolsistas, filhos dos próprios funcionários do colégio. A turma era bastante agitada e muitas vezes violenta, por se tratar de uma turma composta por mais meninos do que meninas, haviam brigas diárias entre os mesmos. Os alunos dessa turma eram bastante esforçados e inteligentes, apesar de bagunceiros. Adoravam as atividades de contação de histórias, contribuindo bastante para a minha pesquisa.

2.3.3- OBSERVAÇÕES E ANÁLISES DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

Neste subtítulo serão apresentados os relatos de observações e análises das mais relevantes atividades propostas, estando estes, resumidos.

Os relatos que serão apresentados buscam explicitar como se deu a apresentação das atividades de contação de histórias para as crianças.

Cabe aqui ressaltar que as atividades e histórias foram selecionadas e previamente estudadas. Para Coelho (1986, pág. 21), “ estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os seus elementos essenciais”. Ao estudar a história o educador conhece melhor a mesma, pode fazer adaptações caso seja necessário e realizar um planejamento eficaz.

2.3.3.1- OBSERVAÇÕES REALIZADAS NO LÓCUS DE PESQUISA A

ATIVIDADE 1 (13/11/2012) - CONTAÇÃO DA HISTÓRIA “ A CABRITA E O SEU FILHO”.

No dia 13 de Novembro de 2012, realizei a contação de história da fábula “ A cabrita e o seu filho” para os alunos da Educação Infantil do 2º período em um Jardim de Infância público da Asa Norte. A fábula trata-se da história de uma Cabrita

que descuidada pisou em uma cobra, e esta ergueu a cabeça e mordeu-a na teta. O filho da Cabritinha viu tudo de longe, e ao perceber que sua mãe estava muito fraca pois a cobra tinha veneno, não pensou duas vezes e mamou e mamou até todo o veneno sair, salvando assim a sua mãe à custa de sua própria vida.

Quando terminei a história, perguntei aos alunos por que o filhinho tinha feito aquilo pela mãe dele, e muitos responderam: “ Tia é porque ele amava a mãe dele; Tia é porque temos que ajudar as nossas mães...”

Logo, um aluno levantou a mão e pediu para que eu deixasse-o contar uma história, e eu muito curiosa deixei. O aluno disse que a tia dele havia perdido um bebê dentro da barriga dela, daí ele disse: “ Tia, sabe porque o meu priminho morreu? Minha mãe falou que meu priminho morreu porque o papai do céu pediu pra ele salvar minha tia, e ele obedeceu. Foi a mesma coisa com o filhinho da cabritinha né tia?” Fiquei muito surpresa e comovida com o que o aluno estava me contando, e feliz ao mesmo tempo por ver que eles entenderam o sentido da história, que é justamente esse mesmo, de mostrar que nossas mães são importantes, que devemos respeitá-las, amá-las, e tudo sacrificar por elas, se for preciso até nossas vidas, pois elas sacrificariam a dela por nós. O aluno conseguiu fazer uma associação tão importante que eu fiquei impressionada, ele associou a história com a realidade dele, com uma situação que ele havia vivenciado.

Com o fim da historinha, pedi aos alunos que fizessem um desenho especial que eles gostariam de dar para a mãe deles ou para alguém que eles amam muito e que cuidam deles.

ATIVIDADE 2 (20/11/2012) - CONTAÇÃO DA HISTÓRIA “ O BARQUINHO DE PAPEL” .

No dia 20 de Novembro de 2012, realizei a contação da história “ o barquinho de papel” para os alunos da Educação Infantil do 2º período em um Jardim de Infância público da Asa Norte. A história foi contada para a turma usando um recurso simples, a dobradura em papel. Trata-se da história de um menino (dei o nome de um deles) que queria ver o fim do mar e assim construiu um barquinho e saiu em

viagem. A construção do barquinho de papel aconteceu diante dos olhos encantados das crianças e passou pela casa, depois pela montanha, pelo chapeuzinho de marinheiro, pelo mapa, pelo copo onde ele mata sua sede enquanto trabalha, até chegar ao barquinho, que navega levemente entre as ondas (cabeças das crianças). Para o prazer deles.

A história é trágica porque o mar, com raiva, acaba empurrando o barquinho contra as rochas (papel embolado) e ele se rompe (se rasga), depois afunda. Que tristeza. Tudo que sobra, depois dos duros golpes no barco (cortes verticais dos dois lados e em cima) é a blusinha de marinheiro do menino, que surgiu do desdobramento do barquinho “quebrado” e afundado. Será que ele morreu? Alguns olhinhos brilharam, outros estavam mais confiantes. Então falei: “– Claro que não, ele nadou e conseguiu chegar até a margem! Artur não morreu meus amores, olhem só ele ali. Artur como você fez isso?” E tudo acabou com gargalhadas. Demos lugar ao faz-de-conta refletido na realidade compartilhada. As crianças se sentiram no mar como o personagem da história e a cada narrativa eles iam imaginando o que estava acontecendo.

Depois da contação da historinha, todo mundo quis aprender a fazer o barquinho de papel. Pois bem, fizemos em roda, todos juntos, num ritmo de grupo, isto é, respeitando os mais vagarosos. Depois pedi para que cada um voltasse pra sua mesa e decorasse os barquinhos. Ficaram uns mais lindos que os outros.

Esse dia para mim foi muito rico, proveitoso. A história desse dia foi um “faz de conta”, dei vida ao barquinho e mexi com a imaginação das crianças. Esse “fazer de conta” é magnífico, pois podemos transformar um pedaço de pau por exemplo, em um cavalo, dar vida a coisas inanimadas, e etc. Com o faz de conta a criança aprende a dominar regras, trabalhar suas emoções, seus medos. Ela experimenta diferentes papéis sociais e isso é ótimo.

ATIVIDADE 3 (29/11/2012) - CONTAÇÃO DA HISTÓRIA “ A TARTARUGA E A LEBRE”.

No dia 29 de Novembro de 2012, realizei a contação de história da fábula “ A Tartaruga e a Lebre” para os alunos da Educação Infantil do 2º período em um Jardim de Infância público da Asa Norte. Uma história simples e que muitos dos alunos já haviam escutado.

Trata-se de um história em que certo dia, a lebre desafiou a tartaruga para uma corrida, argumentando que era mais rápida e que a tartaruga nunca a venceria. A tartaruga começou a treinar enquanto era observada pela lebre, que se ria dos esforços da tartaruga. Chegou o dia da corrida. A lebre e a tartaruga posicionaram-se e, após o sinal, partiram. A tartaruga estava correndo o mais rapidamente que conseguia, mas foi ultrapassada pela lebre que, visto já estar a uma longa distância da sua concorrente, se deitou a dormir. Enquanto a lebre dormia, não se dava conta que a tartaruga se ia aproximando mais rapidamente da linha de chegada. Quando acordou, a lebre, horrorizada, viu que a tartaruga estava muito perto da linha de chegada. Assim, a lebre começou a correr o mais depressa que pode, tentando a todo o custo ultrapassar a tartaruga. Não conseguiu. Após a vitória da tartaruga, todos foram festejar com ela.

Achei interessante contar pra eles, para que percebam a importância de não menosprezarmos as pessoas, pois nem tudo que parece é. O fraco pode ser forte, o lento pode ser rápido, e que não devemos nos distrair enquanto não acabarmos a tarefa que temos que fazer, pois nem tudo que parece estar no fim, estará se eles pararem de fazer. Não precisamos ter pressa para fazermos as coisas, pois devagar podemos chegar longe e com segurança; e devemos sempre lembrar que o importante não é fazermos as coisas com pressa para acabar logo, e sim fazer tudo bem feito.

Quando terminei a historinha, passei uma atividade para as crianças sobre a Tartaruga e a Lebre, trouxe atividades de pintura e eu também havia feito em casa e trouxe pra eles um quebra cabeça sobre a história para eles montarem, pois é um joguinho simples e importante para desenvolver habilidades motoras, visuais, sociais e cognitivas.

2.3.3.2- OBSERVAÇÕES REALIZADAS NO LÓCUS DE PESQUISA B

ATIVIDADE 4 (10/06/2013) - CONTAÇÃO DA HISTÓRIA “ MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”.

No dia 10 de Junho de 2013, realizei a contação da historinha “ Menina bonita do laço de fita” da autora Ana Maria Machado, em um colégio particular de Sobradinho-DF para os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. Trata-se de uma história de uma linda menina de fita no cabelo que desperta a admiração de um coelho bem branquinho, que deseja ter uma filha tão pretinha como ela. Mas antes precisa descobrir o segredo de como ter aquela cor, logo, faz de tudo para ficar pretinho como a menina bonita do laço de fita até descobrir como a menina herdou aquela cor.

A história foi escolhida para trabalhar o desenvolvimento do tema da diversidade, mas não somente com o objetivo de apresentar aos alunos a riqueza da diversidade étnico-cultural brasileira, mas para mostrar que as crianças devem respeitar as diferenças, para que elas se apropriem de valores como o respeito a si próprias e ao outro, e também com o objetivo de elevar a auto-estima dos alunos negros que haviam na sala de aula.

No dia da contação dessa historinha, caracterizei-me de “Menina bonita do laço de fita” para ver se as crianças assemelhavam a menina da historinha com a minha pessoa. Antes de iniciar a história, mostrei a capa do livro para os alunos para que eles pudessem fazer a leitura da imagem e tentar descobrir antecipadamente sobre o assunto que o livro traria. Logo que mostrei a capa do livro, vários alunos já comentaram: “ Tia a menina do livro parece com você” , e começaram a rir, logo, eu respondi: “ Ou será que é a tia que está parecendo com a menina do livro?; e eles me questionaram: “ você esta de fantasia tia?”, e então respondi: “ Muito bem meus amores, a tia hoje veio fantasiada de Menina bonita do laço de fita, que é o nome da história que eu vou contar para vocês hoje.” Após elogiá-los voltei a trabalhar com as imagens da capa do livro e fui fazendo perguntas como: “ Qual a cor da pele da menina? E muitos responderam: “ Marrom tia!”; E a do coelho? “ Branco!” E o cabelo da menina, quem usa cabelo desse jeito? Essa pergunta praticamente só as meninas responderam, e foram respostas como: “ Você esta usando tia!; Eu uso tia!”; E então tornei a perguntar: Qual o nome do penteado que a menina está usando? E responderam: “ Trancinha, Cachos...”; E voltei a perguntar: E esse olhar do coelho para a menina, por que ele está assim? ; Olhando para a capa do livro, se

vocês fossem dar um nome para esta historinha qual seria? Sobre o que vocês acham que é a história que eu vou contar?, dentre outras perguntas.

Após a leitura da imagem da capa do livro “ Menina bonita do laço de fita” iniciei a contação da história para as crianças com o auxílio do próprio livro, pois o mesmo traz imagens ilustrativas belíssimas e que ajudam na compreensão das crianças. Foi muito prazeroso ver os olhinhos deles atentos e curiosos, e a alegria deles a cada parte da história que eu ia contando.

Com o término da contação da belíssima historinha, fiz uma rodinha e conversei com as crianças, levantando algumas questões para que elas pudessem pensar e falar suas opiniões. Reli novamente o trecho da história “O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele já tinha visto em toda a vida! E pensava: _ Ah, quando eu casar quero ter uma filhinha pretinha e linda que nem ela!”. E perguntei as crianças: “ O que é ser bonito? Como uma pessoa deve ser para ser bonita? “;Na medida em que as crianças foram colocando suas opiniões eu fui perguntando mais ainda: “ O que é o diferente? Ser diferente é legal? Vocês são diferentes? Já viram fotos de pessoas de outros países? Dentre outras perguntas. Em seguida falei a importância da diferença de cada um, e disse para eles que o importante é ser diferente, pois já pensou se todos nós fôssemos iguais? Perguntei novamente a cor da menina da história e todos responderam “ Pretinha”, e chegaram a me questionar porque que no livro ela é Marrom mas na verdade a cor dela é “ Preto”.

Com vistas a abordar tais questões com base nas respostas dos alunos aproveitei para promover a reflexão em torno da discriminação que vivenciamos na sociedade, até mesmo na escola de modo implícito ou explícito.

Outro trecho interessante que eu reli foi sobre a descoberta do coelho de que “a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos”, e aproveitei para perguntar às crianças com quem elas achavam que se pareciam, foi uma atividade bem divertida.

Para encerrar, eu pedi para que eles fizessem em uma folha branca desenhos ilustrativos sobre a história ouvida. Para casa, eu passei uma atividade na qual as crianças perguntariam aos pais com quem eles acham que elas se parecem. Os pais podiam enviar fotos de seus filhos junto com as pessoas com quem acham que o filho se parece.

Segue abaixo a história da “ Menina bonita do laço de fita”:

“Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos pareciam duas azeitonas pretas brilhantes, os cabelos enroladinhos e bem negros. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra na chuva. Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laços de fita coloridas. Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do Luar. E, havia um coelho bem branquinho, com olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto na vida. E pensava: - Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou: - Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou: - Ah deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela. Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez. Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez: - Menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo para ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou: - Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina. O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi. Mas não ficou nada preto. - Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou: - Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina. O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto. Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez: - Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha? A menina não sabia e... Já ia inventando outra coisa, uma história de feijoadada, quando a mãe dela que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse: - Artes de uma avó preta que ela tinha... Aí o coelho, que era bobinho, mas nem tanto, viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar. Não precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça. Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando

desanda a ter filhote não para mais! Tinha coelhos de todas as cores: branco, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha. Já se sabe, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado. E quando a coelhinha saía de laço colorido no pescoço sempre encontrava alguém que perguntava: - Coelha bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha? E ela respondia: - Conselhos da mãe da minha madrinha...”

ATIVIDADE 5 (17/06/2013) - CONTAÇÃO DA HISTÓRIA “ BEM DO SEU TAMANHO”

No dia 17 de Junho de 2013, realizei a contação da historinha “ Bem do seu tamanho” da autora Ana Maria Machado, para os alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental em um colégio particular de Sobradinho-DF.

Bem do seu tamanho (1982), trata-se da história de Helena, uma menina que queria saber que tamanho tinha. Para obter a resposta, a personagem faz uma viagem com seu amigo Bolão, o Boi de Mamão, e acaba se deparando com outros companheiros (Tipiti, Flávia, o Espantalho e o Lambe-Lambe), com os quais vai viver inúmeras aventuras.

Essa história é boa de ser contada para crianças um pouquinho maiores, mas decidi trazer essa historinha para a sala de aula dos alunos do 1º ano do ensino fundamental, pois afinal eles também passam pelos mesmos problemas enfrentados pela personagem principal dessa história. Na vida tem idade para tudo, e são esses pode-isso-mas-não-aquilo que acabam deixando as crianças confusas, e a menina Helena também. A história é um pouquinho grande para os alunos do 1º ano entenderem e leem sozinhos depois, logo, levei para eles apenas um trechinho da história, que já foi bastante significativo.

Segue abaixo o trecho contado para os alunos:

“Era uma vez uma menina. Não era uma menina deste tamanhinho. Mas também não era uma menina deste tamanhão. Era uma menina assim mais ou menos do seu tamanho. E muitas vezes ela tinha vontade de saber que tamanho era esse, afinal de contas. Porque tinha dias que a mãe dela dizia assim: - Helena, você já está muito grande para fazer uma coisa dessas. Onde já se viu uma menina do

seu tamanho chegar em casa assim tão suja de ficar brincando na lama? Venha logo se lavar. Que já era bem grande. Mas às vezes, também, o pai dizia assim: - Helena, você é muito pequenina para fazer uma coisa dessas. Onde já se viu uma menina do seu tamanho ficar brincando num galho de árvore tão alto assim? Desça já daí. Se não, você pode cair. Ai Helena achava que era mesmo uma bebezinha que não podia fazer nada sozinha. E era sempre assim. Na hora de ir ajudar no trabalho da roça, ela era bem grande. Na hora de ir tomar banho no rio e nadar no lugar mais fundo, ela ainda era muito pequena. Na hora que os grandes ficavam de noite conversando no terreiro até tarde, ela era pequena e tinha que ir dormir. Na hora em que espetava o pé com um espinho e queria ficar chorando no colo de alguém, só com dengo e carinho, sempre dizia que já estava muito grande para ficar fazendo manha. Se ela tivesse um espelho mágico, que nem rainha madrasta da Branca de Neve, bem que podia perguntar: - Espelho meu, espelho meu, que tamanho tenho eu? ”

(Bem do seu tamanho, Ana Maria Machado Editora Brasil – América Rio de Janeiro – 1982)

A história é bem interessante e ajuda muito na compreensão das crianças a cerca dessa dúvida. No decorrer do livro, em sua jornada, Helena encontra novos amigos e também descobre que tamanho é sempre uma questão de ponto de vista. Ou de vontade, pois ser pequeno ou ser grande o tempo todo é mesmo muito chato, e bem do tamanho da imaginação.

Logo, assim como a personagem da história Helena, eu trouxe essa história para os alunos para que eles tenham essa mesma visão, e percebam-se como protagonistas de suas histórias de acordo com a sua imaginação.

Após a contação do trecho da história, procurei trabalhar com as crianças algumas perguntas como: “ A mamãe e o papai dizem para vocês que vocês são pequenos para isso ou grande para aquilo? ; Qual que é o seu tamanho? Vocês são grandes ou pequenos para chuparem chupeta? E para usarem fraldas? E para dirigirem o carro do papai ou da mamãe? E para assistirem TV até mais tarde? E para brincarem no parquinho da escola? E para andar de bicicleta? E para virem sozinhos até a escola? E para trabalharem? ...” Dentre outras perguntas.

Enfim, essa é uma historia bem simples e tranquila para trabalhar com as crianças, pudemos ter uma conversa bem divertida.

ATIVIDADE 6 (24/06/2013) - CONTAÇÃO DA HISTÓRIA “ O DOMADOR DE MONSTROS” .

No dia 24 de Junho de 2013 realizei a contação da historinha “ O Domador de Monstros” da grande autora Ana Maria Machado, para os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental em um colégio particular de Sobradinho-DF . Escolhi essa história para levar à sala de aula pois as crianças nessa faixa etária costumam muito falar sobre monstros que veem anoite, do medo que têm quando vão dormir justamente por “ existirem” monstros, e nesta historinha o medo natural das crianças com o escuro é abordado com humor e sensibilidade.

Antes de começar a contar a historinha eu fiz um exercício de relaxamento com eles . Pedi que ele fechassem os olhinhos e imaginassem que depois de um dia lindo onde brincamos muito, chegamos em casa muito cansados e já estava anoite então fomos dormir, fiquei em silencio e pedi que eles escutassem a respiração dos coleguinhas como se todos estivessem dormindo. Em seguida depois de uma noite de sono bem tranquila o dia começou a amanhecer então pedi pra eles abrirem os olhos e ouvir a história divertida e de coragem que eu ia contar.

Segue abaixo a história contada:

“ Era uma vez, um menino chamado Sérgio. Um menino como você e eu, que às vezes tinha medo e às vezes era corajoso. Uma noite, antes de dormir, ele ficou olhando as manchas que as sombras das árvores lá de fora iam formando na parede do quarto. Elas mexiam, mudavam de lugar, viravam figuras de monstros horríveis, horrendos e horrorosos. Sérgio ficou com medo. Para espantar o medo, o jeito era conversar com o monstro: - Você pensa que me mete medo, é? Só porque é feioso? Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Sérgio fechou os olhos bem apertados e chamou um monstro mais horrendo, horrível e horroroso. Quando Sérgio abriu os olhos, o monstro velho tinha ido embora da parede e lá estava o novo olhando para ele. Aí Sérgio disse: - Se ficar me olhando assim eu chamo um monstro mais feio para te

assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: - Aí vem o monstro de um olho só e duas bocas. Quando abriu os olhos, o monstro davelho tinha ido embora e lá estava o novo olhando para ele com seu olhos ó e suas duas bocas. Aí Sérgio disse: - Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: - Aí vem o monstro com um olho só, duas bocas e três chifres. E quando Sérgio abriu os olhos, o monstro velho tinha ido embora e lá estava o novo olhando para ele com seu olho só, suas duas bocas e seus três chifres. Daí Sérgio disse: - Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: - Aí vem o monstro de um olho só, duas bocas, três chifres e quatro trombas. E quando Sérgio abriu os olhos, o monstro velho tinha ido embora e lá estava o novo olhando para ele. Com seu olho só, duas bocas, três chifres e quatro trombas. Daí a pouco Sérgio disse: - Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: - Aí vem o monstro com um olho só, duas bocas, três chifres, quatro trombas e cinco umbigos. E quando abriu os olhos, o monstro velho tinha ido embora e lá estava o novo olhando para ele. Com seu olho só, duas bocas, três chifres, quatro trombas e cinco umbigos. Daí Sérgio disse: - Se ficar me olhando assim eu chamo um monstro mais feio para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou. E quando abriu os olhos, o monstro tinha ido embora da parede e lá estava o novo olhando para ele. Com seu olho só, duas bocas, três chifres, quatro trombas, cinco umbigos e suas seis línguas. Um monstro meio engraçado. Daí a pouco Sérgio disse: - Se ficar me olhando assim eu chamo um monstro mais feio para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: - Aí vem o monstro com um olho só, duas bocas, três chifres, quatro trombas, cinco umbigos, seis línguas e sete rabos. Quando abriu os olhos, o monstro velho tinha ido embora da parede e lá estava o novo olhando para ele. Horrroso e engraçado. Sérgio estava com muita vontade de rir mas disse: - Se ficar me olhando assi, eu chamo um monstro mais feio para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: - Aí vem o monstro com seu olho só, duas bocas, três chifres, quatro trombas, cinco umbigos, seis línguas, sete rabos e oito corcovas. E quando abriu os olhos um monstro engraçado horrível e gozado estava olhando para ele. Sérgio ficou com muita

vontade de rir, mas disse: - Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: - Aí vem monstro de um olho só, duas bocas, três chifres, quatro trombas, cinco umbigos, seis línguas, sete rabos, oito corcovas e nove pernas. E quando Sérgio abriu os olhos, o monstro velho tinha ido embora e lá estava novo olhando para ele, horroroso e engraçado, horrível e gozado, horrendo e divertido. Sérgio não aguentava mais tanta vontade de rir mas mesmo assim ainda disse: - Se ficar me olhando assim eu chamo um monstro mais feio ainda para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou:- Aí vem o monstro de um olho só, duas bocas, três chifres, quatro trombas, cinco umbigos, seis línguas, sete rabos, oito corcovas, nove pernas , dez cores, onze caretas, doze sorrisos, treze risadinhas, quatorze gargalhadas, quinze cambalhotas. E Sérgio ria tanto que nem conseguiu falar direito. Aí o monstro da parede se assustou com todas essas palhaçadas e foi embora. Gozados e divertidos. Com dezenas de risadas, centenas de gargalhadas e milhares de palhaçadas. Sérgio riu muito até que acabou dormindo e sonhando. Sonhos em que não entraram monstros horrorosos, horríveis e horrendos, mas entraram monstros engraçados. ”

Depois da história contada, eu fixei rapidamente no quadro, um cartaz com alguns monstros e perguntei a eles o que eram aquelas imagens: “ O que vocês estão vendo? E eles responderam: Monstros, bichos; E tornei a perguntar: Vocês já viram algum? E responderam: Sim! ; Eles existem ou fazem parte da nossa imaginação? E responderam: Fazem parte da nossa imaginação. Então os elogiei e fui fazer mais perguntas, mas dessa vez voltadas para a história para verificar a compreensão do texto: Como era o nome do menino da história? E responderam: Sérgio; O que ele ficou olhando antes de dormir? E responderam: As manchas na parede que a sombra das árvores faziam; O que as manchas pareciam? E responderam: Monstros; Sérgio ficou com medo? Sim, responderam; O que ele fez para espantar o medo? E responderam: Começou a conversar com o monstro; O que ele dizia ao monstro? E responderam: Se ficar me olhando assim eu chamo um monstro mais feio para te assustar; E o que o monstro da parede fez? Nem ligou, responderam; Então o que Sérgio fazia? Chamava um monstro mais feio ainda, responderam; Sérgio fez isso com vários monstros, como ele começou a ver esses monstros? E responderam: Engraçados e divertidos; Quando ele não aguentava

mais de tanto rir, o que aconteceu com o monstro? Ele se assustou com todas as risadas e foi embora; E para encerrar perguntei: Depois de rir muito o que aconteceu com o Sérgio? E responderam: acabou dormindo e sonhando.

Após a sessão de perguntas e para encerrar a atividade, eu pedi para cada um desenhar em uma folha Branca A4 como eles imaginam um monstro, ou algum monstro que já tenham visto ou que veem.

2.3.3.3- ANÁLISES

As histórias infantis relatadas anteriormente não foram selecionadas partindo de temáticas únicas. Ao contrário, foram escolhidas levando em consideração os interesses dos alunos, os objetivos propostos nos planos de aula de cada lócus de pesquisa e os conflitos observados em sala de aula.

Como se pode verificar, foram selecionadas para os relatos das observações seis histórias infantis. O quadro abaixo apresenta as obras trabalhadas em sala e fazem parte das análises desse capítulo:

H1	H2	H3	H4	H5	H6
A Cabrita e o seu Filho	O Barquinho de Papel	A Tartaruga e a Lebre	Menina Bonita do Laço de Fita	Bem do Seu Tamanho	O Domador de Monstros

Fonte: Elaborado pela autora.

Em todas as contações de histórias eu procurei fazer o uso de imagens ilustrativas, acreditando que a representação gráfica possibilita a apreensão e o interesse do educando no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Coelho:

“...as gravuras favorecem, sobretudo, as crianças pequenas, permitem que elas observem detalhes e contribuem para a organização de seu pensamento. Isso lhes facilitará mais tarde a identificação da ideia central, fatos principais, fatos secundários, etc.”
(COELHO, 1986, pág. 39).

Nesse sentido, percebi que diante das apresentações das histórias com gravuras os alunos se mantiveram atentos ao enredo apresentado e revelaram atenção aos elementos que constavam nas gravuras, assim como aos itens narrados.

A história **H1** trata-se de uma fábula, e foi utilizada como estratégia para mostrar que nossas mães são importantes, que devemos respeitá-las, amá-las, e tudo sacrificar por elas, se for preciso até nossas vidas, pois elas sacrificariam a dela por nós.

As crianças conseguiram compreender a moral da história trazendo até comparações de exemplos vividos em suas realidades com o fato a eles narrado, ou seja, houve uma associação da história com a realidade, com uma situação que eles já haviam vivenciado. De acordo com Coelho:

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida [...] (COELHO, 1997, p. 12).

A história **H2** trata-se de um fazer de conta, e foi utilizada para estimular a imaginação das crianças. Esse “fazer de conta” é magnífico, pois podemos transformar um pedaço de pau por exemplo, em um cavalo, dar vida a coisas inanimadas, e etc. Dessa forma, as crianças aprendem a dominar regras, trabalhar suas emoções, seus medos, e podem experimentar diferentes papéis sociais. De acordo com Bettelheim:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções: estar harmonizadas com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade-e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro(BETTELHEIM, 1980, p, 20).

A fantasia e a imaginação são elementos fundamentais para que a criança aprenda mais sobre o modo de relacionar-se com as pessoas, consigo mesma e

com o outro. Quando é convidada a participar de situações em que pode criar, representar papéis e interagir consigo mesma e com os outros, a criança impressiona os adultos pela forma como se torna absorvida por essa atividade.

Nas diversas atividades de faz de conta que podem ser criadas no ambiente escolar, é possível proporcionar prazer e divertimento, construindo-se um espaço fundamental para o desenvolvimento de diferentes condutas.

A criança sai mais feliz das experiências, aumenta seu repertório de conhecimentos sobre o mundo e transfere para os personagens seus principais dramas, assim como foi feito na história **H2**. As crianças se sentiram no mar como o personagem da história e a cada narrativa eles iam imaginando o que estava acontecendo colocando-se no lugar desse personagem. Quiseram aprender a fazer o “Barquinho de Papel” utilizado na contação da história, o que foi bastante prazeroso.

A história **H3** trata-se de uma fábula, e foi utilizada como estratégia para que as crianças percebam que devemos sempre lembrar que o importante não é fazermos as coisas com pressa para acabar logo, e sim fazer tudo bem feito. Para mostrar a importância de não menosprezarmos as pessoas, pois nem tudo que parece é; que o fraco pode ser forte, o lento pode ser rápido, e que não devemos nos distrair enquanto não acabarmos a tarefa que temos que fazer, pois nem tudo que parece estar no fim, estará se eles pararem de fazer; e que não precisamos ter pressa para fazermos as coisas, pois devagar podemos chegar longe e com segurança.

Como se pode perceber a história tem uma moral muito boa e traz consigo ensinamentos necessários a vida das crianças. De acordo com Abramovich:

“...é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica” (ABRAMOVICH, 1991, pág. 17).

Nesse mesmo sentido, Dohme coloca que:

Por meio das histórias, os meninos defrontam-se com situações fictícias e percebem as várias alternativas que elas oferecem, podendo antever as consequências que a decisão por cada uma delas trará. Com isso adquirem vivência e referências para montar seus próprios valores (DOHME,2000, pág.19).

As histórias **H4**, **H5** e **H6** pertencem a mesma autora, Ana Maria Machado. Ana é autora de livros infanto-juvenis e foi a primeira desse gênero, a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, possuindo mais de 100 livros publicados no Brasil e em mais 18 países, somando mais de 19 milhões de exemplares vendidos, segundo informações de sua Biografia. Também possui obras para adultos.

A história **H4** foi escolhida para trabalhar o desenvolvimento do tema da diversidade, mas não somente com o objetivo de apresentar aos alunos a riqueza da diversidade étnico-cultural brasileira, mas para mostrar que as crianças devem respeitar as diferenças, para que elas se apropriem de valores como o respeito a si próprias e ao outro, e também com o objetivo de elevar a auto-estima dos alunos negros que haviam na sala de aula.

A apresentação dessa história como estratégia para trabalhar em sala a percepção da identidade no contexto das diferenças culturais possibilitou a reflexão das crianças a cerca da identidade delas e as diferenças existentes na escola e fora dela.

A mediação pedagógica nessa história, assim como nas demais, foi feita por meio de questionamentos antes e após a contação da história. Abri espaço para questionar os alunos e para eles comentarem sobre o que conseguiram apreender com as experiências dos personagens, principalmente o coelho e a menina. Durante a fala dos alunos foi possível identificar que os mesmos perceberam que a história trata sobre as diferenças existentes entre as pessoas, aborda valores como a amizade, amor familiar, adverte sobre os perigos de se utilizar a mentira no nosso cotidiano, entre outros aspectos.

Como retratado no relato da observação dessa história, eu conversei com as crianças sobre a identidade e a diferença, ou seja, aquilo que nós somos e aquilo que o outro é. De acordo com Silva (2000, p.8) “a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular”.

Com vistas a abordar tais questões com base nas respostas dos alunos aproveitei para promover a reflexão em torno da discriminação que vivenciamos na sociedade, até mesmo na escola de modo implícito ou explícito.

Outra atividade realizada com os alunos em torno dessa história foi a de pedir para as crianças perguntarem aos pais com quem eles achavam que elas se

pareciam, na aparência, no jeito. Os pais podiam enviar fotos de seus filhos junto com as pessoas com quem achavam que o filho se parecia. Foi uma atividade muito divertida e importante. De acordo com o RCNEI:

Para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição. Começando pelas diferenças de temperamento, de habilidades e de conhecimentos, até as diferenças de gênero, de etnia e de credo religioso, o respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas (BRASIL, 1998b, p.41).

A história **H5** é uma história que fala sobre a imaginação e sobre os conflitos que surgem na vida das crianças em relação ao seu tamanho. Na vida tem idade para tudo, e são esses pode-isso-mas-não-aquilo que acabam deixando as crianças confusas. Essa história ajuda bastante na compreensão das crianças a cerca desse problema.

Após a contação da história e de vários questionamentos que fiz aos alunos, eles perceberam ,assim como a personagem principal da história, que tamanho é sempre uma questão de ponto de vista, ou de vontade, pois ser pequeno ou ser grande o tempo todo é mesmo muito chato, e bem do tamanho da imaginação.

De acordo com a Psicóloga e professora Eliana Marcello de Felice, o exercício pleno da imaginação e criatividade faz parte da vida infantil e é um elemento essencial para o desenvolvimento intelectual e emocional da criança. Ele favorece o fluir do pensamento criando um lugar de liberdade. Liberdade de ser. Vivendo em um ambiente em que os adultos favorecem a livre expressão imaginativa da criança, ela pode se apropriar de si mesma e de suas experiências com o mundo. Pode ser autora de suas próprias criações, experimentando o prazer da liberdade de transformar o mundo e de ver refletido, em suas produções, algo de si mesma.

A história **H6** é uma história que fala sobre os medos das crianças, sobre monstros, foi escolhida justamente pelo fato de que crianças costumam muito falar sobre monstros que veem anoite, do medo que têm quando vão dormir justamente por “ existirem” monstros, e nesta história o medo natural das crianças com o escuro é abordado com humor e sensibilidade.

É importante contar para as crianças histórias onde o mal também está presente, e não apenas histórias sobre príncipes e princesas onde tudo acaba bem, pois afinal em suas vidas sempre terão pessoas do bem e do mal, situações favoráveis a eles ou obstáculos que terão que enfrentar.

Nessa história, o mal está presente quanto o bem, e existe um obstáculo a ser vencido, que é o medo do menino em relação aos monstros que apareciam anoite, e no decorrer da história aparecem escolhas de solução para o menino que permitem que a vitória dele sobre o medo aconteça. No caso, ele usou a imaginação para enfrentar o monstro, enfrentando assim o seu medo, criando coragem.

Nas histórias, aquele herói que luta e vence mostra a possibilidade de não desistir diante de problemas da vida real e ter forças para superar todos os desafios. Os seres que figuram o mal significam o aspecto instintivo do homem e, ao serem subjugados, criam a possibilidade de equilíbrio entre a natureza animal/instintiva e a humana.

De acordo com Bettelheim (1980), esses seres são criações do imaginário, fantasmas que a criança carrega dentro dela: medo do abandono dos pais, de ser devorada e muitas vezes da rivalidade com irmãos. As histórias contadas minimizam essas angústias e trazem paz as crianças porque essas energias maléficas são destruídas e “ tudo acaba bem” no final do conto.

Enfim, é isso que a história faz, ela apresenta mecanismos para enfrentar os problemas de uma maneira saudável e criativa, levando a criança ao mundo maravilhoso onde os processos vivenciados pelos personagens e suas aventuras são repletas de significados, a criança sente isso, ela entra no mundo da história, um mundo de esperança, opções e possibilidades: opções sobre o que fazer diante de um grande obstáculo, possibilidades e soluções criativas para a superação dos problemas e como lidar com as emoções.

2.4- ENTREVISTAS – ANÁLISES DOS DADOS

Para entender mais o assunto abordado em relação à contação de história na aprendizagem das crianças e a visão das professoras a cerca do tema, formulei um questionário estruturado composto por 06 questões.

O questionário foi aplicado para 04 professoras, sendo duas do 2º período da

Educação Infantil e duas do 1º ano do Ensino Fundamental.

Para facilitar a análise dos dados coletados com as entrevistas, definirei categorias com base nas respostas das professoras:

1º - O ato de contar histórias

2º - A importância da contação de histórias no mundo moderno

3º - Atividades trabalhadas em sala de aula

4º - A contação de histórias no processo de aprendizagem das crianças

5º - Momentos de contação de histórias para as crianças

6º - Identificação das crianças com as histórias

As professoras serão chamadas de **nº1, nº 2, nº 3 e nº 4.**

O ATO DE CONTAR HISTÓRIAS

Perguntei as professoras o que seria a contação de histórias e as respostas foram as seguintes:

Ato de contar histórias	Quantidade
Instrumento de estímulo à leitura	04
Promoção da Imaginação	04
Apreensão da Atenção	02
Desenvolvimento da linguagem	01
Despertar o senso crítico	02
Despertar da criatividade	02
Estímulo de coragem para que a criança enfrente suas dificuldades pessoais	04

Fonte: Elaborado pela autora.

As professoras **nº1, 02, 03 e 04** foram unânimes quando falam que o processo de contação de histórias é um instrumento muito importante no estímulo a leitura e na promoção da imaginação para as crianças, além de ser um estimulante da coragem, para que as crianças enfrentem suas dificuldades pessoais.

Quem conta histórias cria e recria maneiras de chegar ao universo infantil,

aproxima a criança do mundo da leitura consolidando a fantasia que é a maneira da criança ver a realidade.

Para Coelho (1997), a contação de história é aquela que aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa.

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida [...] (COELHO, 1997, p. 12).

Assim, com base nas respostas das professoras e na afirmação de Coelho, podemos verificar a contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental.

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO MUNDO MODERNO

Importância da contação de histórias no mundo moderno?	Quantidade
Desenvolvimento do Raciocínio Crítico	04
Resgata Valores	04
Formação moral e ética	04
Ampliação do conhecimento	04
Facilita à aprendizagem e o desenvolvimento	04
Estímulo da concentração	02
Aguça a imaginação	04
Adequação à realidade	04

Fonte: Elaborado pela autora.

As professoras pesquisadas foram unânimes em afirmar que a contação de histórias infantis ainda tem espaço no mundo moderno, pois ajuda a desenvolver um raciocínio crítico, resgata valores, desenvolve a formação moral e ética, amplia os conhecimentos, facilita a aprendizagem e o desenvolvimento, aguça a imaginação e adequa a realidade das crianças.

Podemos perceber claramente essa opinião na fala da professora nº 1, onde ela expressa que:

“ [...] atualmente a palavra narrada tem perdido seu espaço e os diversos meios de comunicação têm nos levado a nos distanciar dos livros, mas acredito que a contação de histórias têm sim um espaço no mundo moderno ainda, devido a capacidade de interagir com o imaginário infantil, fazendo com que as crianças se identifiquem com a história, adequando a mesma a sua realidade, além de fazer com que as crianças se identifiquem com a história e dali possa tirar lições ou exemplos de soluções para conflitos internos que estejam lhe afligindo. Bem como, podem ser um refúgio saudável da sua própria realidade, um meio de imaginar, um exercício de imaginar uma sociedade melhor e pessoas felizes. Qual menina nunca se viu como uma princesinha amada e aceita por todos, e qual menino nunca se comparou a um príncipe forte e corajoso!? É nesse exercício de se imaginar nas histórias que a criança experimenta suas “ vivências” fantasiosas e começam a se relacionar com os valores de bem e mal, certo e errado, do porque aquele personagem é do mal e porque o outro é bonzinho. Na nossa sociedade atual, esses valores às vezes se misturam, se invertem, se confundem, é muito fácil para a criança do morro ou invasão ver a polícia como os malvados porque usam a violência nas abordagens, ou porque agrediu um pai de família inocente, outras vezes esse papel de visão é dado aos malfeitores, traficantes, como é convencionado na sociedade.”

Fica evidenciada a posição da professora nº 1 em relação à importância da contação de histórias no mundo moderno, quando Coelho (1999) afirma que:

A história alimenta a imaginação da criança há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimento, disciplinar até fazer uma espécie de chantagem “ se ficarem quietos, conto uma história”. “ se isso” “ se aquilo” quando inverso que funciona. A história aquieta, serena, prende atenção, informa, socializa e educa. O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de sofisticação de necessidades básicas das crianças. Se elas escutarem desde pequeninhas, gostarão de livros vindo descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas (COELHO, 1999, p.12).

Tahan (1961) também nos traz opiniões favoráveis a cerca da importância da contação de histórias:

“...até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas” (TAHAN, Malba, 1961, p.24).

Contar história é promover e estimular a leitura, o escrever, o desenhar, o imaginar, o brincar. Nossas crianças precisam mais do que nunca, nos dias de hoje, ouvir histórias, entrar na fantasia e no mundo imaginário, pois através das histórias a criança sente diferentes emoções como alegria, medo, tristeza, bem estar, insegurança, entre tantas outras, e assim ela aprende a lidar com seus sentimentos da sua maneira.

A vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso poder criar ordem na sua vida (BETTELHEIM, 2009, p.13).

Ainda de acordo com Torres e Tettamanzy:

[...] quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto-identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos (TORRES & TETTAMANZY, 2008, p.3).

Percebe-se assim que a contação de histórias no mundo moderno é de extrema importância, a criança que é incentivada e gosta de ouvir e ler histórias será com certeza um adulto diferenciado na sociedade.

ATIVIDADES TRABALHADAS EM SALA DE AULA

Atividades trabalhadas em sala de aula	Quantidade
Literatura, produção de texto e reconto	04
Todos os eixos e conteúdos	04

Fonte: Elaborado pela autora.

Constata-se que as professoras de **nº 01, 02, 03 e 04**, foram unânimes quando falam sobre a forma que trabalham a contação de história na sala de aula, visando sempre à literatura, produção de texto e reconto (redação) , perpassando por todos os eixos temáticos e conteúdos.

A professora **nº 1** diz que “realiza a contação de história e após conta-la desenvolve principalmente a interpretação oral da historia, trabalhando assim a oralidade e a interpretação em atividades diversas, em geral, fechando com alguma atividade artística como dramatização, pinturas em telas, teatrinhos de dedoches, etc ”.

A professora **nº 2** afirma que faz a contação de história “trabalhando na maioria das vezes com contos de fadas nas atividades de produção de texto – conto e reconto, trabalhando todos os eixos levando a criança a participar, interagir e socializar”.

A professora **nº 3** fala que utiliza a contação de história “ nas atividades de conto, reconto e produção textual, dentro de todos os eixos desenvolvidos no cotidiano, oferecendo a criança desenvolverem sua imaginação”.

E a professora **nº 4** afirma que:

“ Trabalho a contação de histórias nas aulas de literatura e produção de texto (redação) e em todos os demais eixos, pois é um meio de conhecer melhor meus alunos e saber da realidade em que vivem, bem como despertar o gosto deles pela leitura e incentivá-los a escrever fazendo exercícios de criação de histórias a partir de um tema ou livre, ou recontagem da história acrescentando outros personagens, e discussões em sala sobre situações problema, tipo, o diferente, o que é o diferente para você, porque?”

Podemos perceber assim que, todas as professoras fazem uso da contação de histórias na sala de aula, o que é muito bom, pois a escuta de histórias estimula a

imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa e de grande potencialidade.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS

As professoras pesquisadas foram unânimes em afirmar que a contação de histórias contribui significativamente no processo de aprendizagem das crianças.

A professora nº 1 fala que:

“ Quando as crianças ouvem histórias percebem sentimentos de forma mais clara em relação ao mundo. As histórias abordam várias maneiras de viver e mostram o resultado de cada escolha de vida, sendo um recurso importante para o aprendizado do aluno, e conseqüentemente, para a formação do aluno leitor”.

A professora nº2 afirma que:

“ As histórias infantis são de extrema importância para a aprendizagem das crianças, pois através das mesmas estamos mostrando o mundo em sua plenitude, ajudando-as a olhar, pensar e entender essa imensidão a que todos nós percebemos”.

A professora nº 3 diz que:

“ A prática da contação de histórias se faz presente em nossas vidas e muito importante para o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil, pois ela mexe com a imaginação do ouvinte, fazendo com que ele mesmo construa as imagens acerca do que ele está ouvindo. Através das histórias, a criança cria seu próprio inventário moral, elabora questões que a angustiam e se sente alimentada. Através de personagens que têm que vencer obstáculos, sair do âmbito familiar e conseguir sucesso no mundo externo, preparamos o pequeno ouvinte para vivenciar com mais segurança suas próprias derrotas e perdas”.

E a professora nº 4 fala que:

“ A contação de história é uma atividade lúdica, artística e pedagógica podendo estar ao alcance do professor na sala de aula

como um instrumento de trabalho, um recurso de extrema importância para o aprendizado do aluno, pois quando contamos uma história estamos fazendo uma ponte entre o leitor e o livro, criando um elo imaginário, contribuindo para aquisição da linguagem, estimulando a observação, facilitando a expressão de ideias”.

Com base nas respostas dadas pelas professoras, podemos constatar que a contação de histórias contribui para o processo de aprendizagem das crianças, sendo um facilitador desse processo. Como diz Abramovich (1991), é através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica.

Para Coelho (1999), a história não acaba quando chega ao fim, ela permanece na mente da criança, que a incorpora como um alimento de sua imaginação criadora. Além de ser uma atividade lúdica, o ato de contar histórias trabalha a emoção, a socialização, a atenção, é uma nova forma de ensinar e de aprender.

MOMENTOS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA AS CRIANÇAS

Momentos de contação de histórias	Quantidade
Momentos de prazer	04
Participação	03
Socialização	04
Concentração	02
Associação da fantasia com a realidade	04
Imaginação	04
Aprendizagem e desenvolvimento cognitivo	04

Fonte: Elaborado pela autora.

As professoras entrevistadas concordaram de forma unânime que o momento de contação de histórias é um momento de prazer, onde há a promoção da socialização das crianças, um momento onde as crianças associam a fantasia a realidade delas, um momento que mexe com a imaginação das mesmas, e o mais importante, momentos facilitadores da aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo. De acordo com BETTELHEIM:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para

enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções: estar harmonizadas com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade-e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro (BETTELHEIM, 1980, p, 20).

Segundo Sousa (1997), a didática da contação de histórias é cativante e enriquecedora na educação infantil, mas com cuidado de que a estrutura da narração deve ser de forma clara para a criança, de fácil linguagem, com imagens explorando a história de maneira lúdica, dentro do seu processo de aprendizagem a contação possibilitará as crianças um melhor desenvolvimento da capacidade de pro

Acredito então que, a contação de Histórias desencadeia uma série de possibilidades, mas o fato mais importante é a descoberta de um mundo de encantamento e prazer. Através dessa prática o aluno descobre o livro, a leitura, o prazer de ler, de descobrir e conhecer culturas, conhecer povos e costumes diferentes, entender a evolução e os caminhos que nossos antepassados cruzaram, conhecer a si mesmo. A Contação de História é uma prática fantástica, que, por si só, desenvolve e fortalece a socialização, a intelectualidade, e é uma prática, uma grande aliada, no desenvolvimento psicológico do indivíduo. A criança que tem o hábito de ouvir histórias, certamente sentirá vontade de contar histórias também, ai desenvolve o vocabulário, a oralidade, ajuda a vencer a timidez. A Leitura e a Contação de Histórias são parceiras que proporcionam o desenvolvimento Humano.

IDENTIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS COM AS HISTÓRIAS

Identificação das crianças com as histórias	Quantidade
Com heróis	03
Com heróis e com valores	00
Com valores	00
Figuras, músicas, etc	02

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebemos claramente a opinião das professoras quanto a identificação das crianças com as histórias. As professoras nº 1, nº 2 e nº 4 relataram que os alunos se identificam mais com histórias que possuem heróis.

A professora nº1 diz que essa identificação se dá “ em sonhos de heróis ou heroínas” pela crianças.

A professora nº 2 diz que “eles se identificam com o herói, bom e belo, não pela sua beleza ou bondade, mas por sentirem que o herói tem os mesmos problemas que o deles”.

A professora nº 4 afirmou que “ eles são sempre os príncipes e as princesas, sendo assim, os heróis e heroínas das histórias, demonstrando assim que a maior identificação com as histórias se dá através dos personagens que são heróis”.

E a professora nº 3 disse que “ eles se identificam com histórias que possuem bastante figuras, que conto com músicas, não dando tanta importância aos personagens heróis”.

Geralmente as histórias que trazem heróis e heroínas, príncipes e princesas, são os contos de fada e isso nos remete a Bettelheim (1980) onde no seu livro “ A Psicanálise dos Contos de Fadas” afirma que o conto é tido pela criança como um espelho onde ela pode se reconhecer, pois ali ela descobre que os heróis têm os mesmos problemas que elas e todas as possíveis soluções encontram-se também na história, ainda que de forma subjetiva, pois tudo isso é elaborado na sua imaginação.

PARTE 3
CONSIDERAÇÕES FINAIS

CAPITULO 3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao Investigar a contribuição da contação de histórias no processo de aprendizagem das crianças, constatou-se que essa atividade é um instrumento poderoso e fundamental para o professor utilizar em sala de aula, pois contribui de diversas maneiras na educação das crianças, despertando nelas a imaginação, a criatividade, o interesse e o gosto pela leitura.

Coelho (1999) afirma que:

A história alimenta a imaginação da criança há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimento, disciplinar até fazer uma espécie de chantagem “ se ficarem quietos, conto uma história”. “ se isso” “ se aquilo” quando inverso que funciona. A história aquieta, serena, prende atenção, informa, socializa e educa. O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de sofisticação de necessidades básicas das crianças. Se elas escutarem desde pequeninhas, gostarão de livros vindo descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas (COELHO, 1999, p.12).

Realizando este trabalho foi possível perceber que através da contação de histórias o professor pode tornar a aprendizagem mais significativa e atraente para os alunos. Além disso, considera-se que contar histórias para as crianças, proporciona momentos de grande interação entre os alunos e o professor, é uma forma diferente e significativa de ensinar.

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura (RCNEI, VOL. 3., p.141).

Toda a escola tem um papel importante a exercer: cuidar para que o aprender seja uma conquista. E como um instrumento indispensável, pode utilizar a contação de histórias nas diferentes situações. Quando o professor conta histórias para as crianças pequenas está mostrando a elas como é o mundo em que vivem, ajudando a criança a pensar, olhar e entender um pouco daquilo que as circunda.

É fundamental que a criança seja estimulada a todo tempo, mantendo-se curiosa e criativa, aprendendo de forma estimulante e significativa. Através das histórias a criança pode sentir emoções importantes como alegria, tristeza, bem-

estar, medo, tranquilidade e tantas outras, com toda a amplitude, significância e verdade que cada história faz brotar.

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida [...] (COELHO, 1999, p. 12).

O professor que utiliza a contação de história como recurso em sala de aula aguça a imaginação das crianças, desenvolvendo nelas a capacidade cognitiva de percepção do livro como instrumento de informação e descontração.

Através da pesquisa realizada neste estudo foi possível compreender como é ampla a utilidade da contação de histórias como um instrumento mediador em sala de aula contribuindo significativamente para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

Constatou-se que contar histórias para as crianças da Educação Infantil, contribui de forma intensa para o sua aprendizagem e desenvolvimento.

Com esta pesquisa espera-se despertar nos professores e educadores de Educação Infantil um interesse maior por contar histórias em sala de aula, tornando-se assim investigadores de novas descobertas e conhecimentos que conduzem a uma forma atraente e significativa de ensinar e aprender.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Com a conclusão do curso de Pedagogia na Universidade de Brasília, tenho a certeza de que novas portas se abrirão, afinal, possuirei um diploma de nível superior o que me proporcionará a oportunidade de adentrar em bons concursos públicos, que no momento é a minha primeira meta para que eu possa estabilizar-me financeiramente. Em paralelo, pretendo continuar a participar de oficinas de contação de histórias voluntariamente para dar prosseguimento a minha pesquisa que, poderei usar para o mestrado e quem sabe até para o doutorado. Penso também em futuramente fazer uma pós graduação na área de psicopedagogia, que é uma área que admiro bastante, podendo assim, contribuir futuramente para uma possível melhoria na educação. Enfim, o futuro só a Deus pertence mas, uma certeza que tenho é a de que jamais deixarei de estudar e de adquirir novos conhecimentos para que eu possa evoluir, pois estes são únicos e exclusivamente meus, ninguém pode retirá-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2003.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2.ed. São Paulo: Scipione; 1991.
- BECKER, F. (2001). **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1980.
- BRONFENBRENNER, U. (1996). **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. (VERONESE, M.A., Trad.) Porto Alegre: Artes Medicas (Trabalho original publicado em 1979).
- COELHO, Betty. **Contar histórias, uma arte sem idade**. São Paulo, Ática, 1986.
- COELHO, Bethy. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 2006.
- DOHME, V. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. 3 ed. São Paulo: Informal, 2000. 223 p.
- DORON, R.; PARON, F. (org) (1998). **Dicionário de Psicologia** (HOMEM, M. L. Trad.). São Paulo: Ática.
- FONSECA, V. (1995). **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GIL, Antonio Carlos. **Método e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- JORGE, L. S. “**Roda de histórias: a criança e o prazer de ler, ouvir e contar histórias**”. In: DIAS, Marina Célia Moraes M. & NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (Orgs). *Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância*. Campinas, SP: Papyrus, 2003
- MARQUES, O. (2000). **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. 2.ed. Injuí: UNIJUI
- MELLO, S.A (2004). **A escola de Vygotsky**. E. CARRARA K. (org.). **Introdução à Psicologia da Educação, seis abordagens** (pp. 135-156) São Paulo: Avercamp.
- OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Dinâmicas em Literatura Infantil**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil** Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- SANTOS, João Almeida; PARRA FILHO, Domingos. **Metodologia Científica**. São Paulo: Futura, 1998.
- SHAFFER, D.R. (2005). **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. (CANSISSI, C.R.F. Trad.) São Paulo: Pioneira Thompson Learning.
- SOUSA, Linete Oliveira. **A contação de história como estratégia pedagógica**. Disponível em:< <http://www.brasilecola.com/educacao>>. Acesso em: 25 Jun.2013.
- TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.
- TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato, **Contação de Histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação**. Revista Eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Porto Alegre, v. 04, n. 01, 08 p., jan/jun. 2008.

Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/5844/3448>. Acesso: 25/09/2011.

- VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICES

ENTREVISTA ESTRUTURADA APLICADA:

- 1- Para você o que é a contação de história?
- 2- Para você qual é a importância da contação de histórias no mundo moderno?
- 3- Você trabalha com a contação de histórias? Em quais atividades?
- 4- Qual a contribuição da contação de histórias no processo de aprendizagem das crianças?
- 5- Como as crianças veem os momentos de contação de histórias?
- 6- Como se dá a identificação das crianças com as histórias? Qual estilo de história eles preferem?